



atos

do conselho geral

ano LXXVII outubro - dezembro 1996

Nº 357

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

**do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco**

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**Nº 357
ano LXXVII
outubro-dezembro
1996**

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Juan E. VECCHI A Exortação Apostólica “Vita Consecrata”: estímulos à nossa caminhada pós-capitular	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETIZES	<i>Não constam neste número</i>	
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	3.1 Critérios e orientações sobre o papel de coordenação do Conselheiro regional para a “África e Madagascar”	34
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 4.2 Crônica do Conselho Geral	40 42
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Estréia do Reitor-Mor para 1997 5.2 Reconhecimento de pertença à Família Salesiana do Instituto das Filhas da Realeza de Maria Imaculada 5.3 O novo Conselho Geral 5.4 Novos Inspetores 5.5 Novos Bispos Salesianos 5.6 Irmãos Falecidos	49 49 52 57 67 71

Tradução: *Pe. José Antenor Velho*

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO
Rua Dom Bosco, 441
03105-020 — São Paulo - SP
Fone: (011) 277-3211
Fax: (011) 279-0329
Telex: (011) 32 431 ESPS BR
e-mail: sdbmooca@salesianos.org.br

A EXORTAÇÃO “VITA CONSECRATA”: ESTÍMULOS À NOSSA CAMINHADA PÓS-CAPITULAR

1. No movimento da Igreja - 2. A nossa leitura - 3. O dom da nossa Vida Consagrada - 4. A espiritualidade: uma exigência prioritária - *Programa e caminho* - *Uma pastoral da espiritualidade* - 5. Os muitos âmbitos da comunhão - *Especialistas de comunhão* - 6. Um areópago para nós: a educação - Conclusão.

Roma, 8 de setembro de 1996
Festa da Natividade de Maria

Queridos irmãos,

No momento em que vos escrevo o CG24 já foi comunicado a todas as Inspetorias. À primeira comunicação, feita durante a sua realização através de nossos órgãos de imprensa, seguiu-se a transmissão, enriquecida de um singular testemunho daqueles que dele participaram. Recentemente foi-vos enviada a edição oficial dos Atos nas diversas línguas, que traz, com os documentos promulgados de acordo com as Constituições¹, outros textos úteis para a plena compreensão do acontecimento e das orientações capitulares.

Imagino as Inspetorias e comunidades locais ocupadas em compreender e interiorizar as motivações oferecidas pelo documento sobre a participação dos leigos no espírito e na missão de Dom Bosco e a tentar suas possíveis aplicações nas relações, na estrutura, na organização do trabalho, nos programas de formação contínua.

¹ cf. *Const.* 148

Recordo-vos a urgência de traduzir na prática e na vida, de maneira orgânica e comunitária, as propostas do CG24 como eu dizia no discurso final: “Será preciso que as indicações capitulares sejam integradas num projeto unitário e traduzidas em processos que lhe favoreçam a assimilação vital (mentalidade, atitudes, habilidades, experiências). Trata-se de levar as visões amplas ao terreno da vida cotidiana. É um desafio: encontrar a mediação eficaz entre as inspirações e a prática, entre o documento e a aplicação concreta”².

O CG24 interpela cada um: trata-se de um convite a despertar e ativar recursos apostólicos ainda adormecidos em nós, em nosso carisma, na experiência cristã e educativa de numerosos leigos que colaboram em nossas iniciativas ou que o Senhor move internamente para a missão juvenil.

1. No movimento da Igreja

O CG24 coloca-nos no coração do projeto pastoral da Igreja neste último momento de século, assumindo seus motivos, suas metas, seus conteúdos e suas modalidades de ação.

Esse projeto tem um nome: *nova evangelização*. Já escutamos e repetimos muitas vezes a expressão e também percebemos suas implicações e exigências gerais. Mas talvez ainda seja preciso aprofundar-lhe o sentido e as consequências práticas para nossa vida e nossa ação educativa.

Trata-se, com efeito, de tomar consciência da cultura atual em suas realizações e tendências, à luz do Evangelho e da vocação da pessoa humana. E isso, para voltar a compreender o significado de salvação que o acontecimento, a presença atual e a Palavra de Cristo, possam ter nela, renovando conseqüentemente o testemunho cristão, o anúncio do Evangelho e a intervenção dos discípulos de Cristo na história.

² CG24 n. 256

Isso comporta uma nova meditação do mistério cristão, uma leitura vigilante de muitos fenômenos e a avaliação atenta de tantas opiniões que desafiam as nossas convicções e a nossa experiência de consagrados. A fé, com efeito, leva-nos a confessar que Cristo é salvação para todos os tempos: ontem, hoje e sempre.

A reflexão sobre a Igreja tomou particular relevo nesse movimento em vista da nova evangelização, sendo constantemente reproposta nos documentos do magistério e celebrada com acontecimentos significativos como as Assembléias sinodais em nível de Igreja universal ou de Continente, produzindo uma nova consciência eclesial e uma renovação progressiva no modo de conceber a relação da Igreja com o mundo.

A Igreja tem consciência de ser o povo de Deus; proclama e exprime na história do homem o mistério da presença atuante de Deus; testemunha, ensina e ajuda a viver a filiação divina revelada em Jesus Cristo. Sua missão é convocar, orientar e reunir cada um e a humanidade para que vivam essa vocação assumindo todas as conseqüências, também temporais, que daí derivam. Sabe, pois, que deve exprimir no mundo e na história uma forma de vida, um anúncio e opções históricas que se refiram às pessoas enquanto imagens de Deus e seus filhos em Cristo.

Neste contexto, ela quis aprofundar à luz da Palavra, de sua experiência plurissecular e do momento atual, as três condições fundamentais nas quais aqueles que são chamados à fé vivem em plenitude a própria vocação de discípulos de Cristo: a laical, a ministerial, a de consagração religiosa.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, que apresentou a reflexão sobre esta última, resultado do longo processo de preparação e realização da IX Assembléia do Sínodo dos Bispos e de uma cuidadosa elaboração posterior, foi publicada enquanto o nosso CG24 estava em pleno trabalho. Forneceu-lhe os princípios inspiradores, ofereceu-lhe o quadro de refe-

rência para compreender as relações entre as diversas realizações do carisma salesiano e influiu decisivamente nas orientações práticas. Encontrareis suas marcas ao longo de todo o texto nas abundantes citações e referências.

Convém, pois, neste momento de estudo e de aplicação do CG24, retomar a Exortação para uma leitura que vá além da primeira olhadela de legítima curiosidade. É o que me proponho nesta carta, depois de tê-la estudado com os membros do Conselho Geral para nosso proveito pessoal e para compartilhar convosco algumas de suas perspectivas.

Creio que isso terá dois efeitos salutareis. Haverá de colocar-nos mais profundamente na comunhão da Igreja que, por toda parte, é chamada a refletir sobre a Vida Consagrada como um interesse geral. Os Padres sinodais serviram-se com razão de uma expressão, em seguida abundantemente retomada e sublinhada: “De re nostra agitur”³. Trata-se de um argumento que interessa à Igreja inteira.

Será também de ajuda para esclarecer alguns pontos críticos muito sentidos no CG24, cuja adequada compreensão condicionará a qualidade da nossa vida e a eficácia da nossa práxis.

2. A nossa leitura

Não se trata de fazer uma apresentação sistemática dos conteúdos da Exortação. Estes são organizados em três capítulos ao redor da *consagração*, da *comunhão* e do *serviço*, e comunicados com uma linguagem não especializada mas à mão, pelo menos aos consagrados.

Encontros, seminários e publicações, particularmente aqueles orientados por religiosos, ocuparam-se abundantemente de diversos ângulos dos quais ler a Exortação: bíblico,

³ *Propositio*, n. 2

teológico, histórico, jurídico, pastoral. Eles oferecem um material útil para a leitura pessoal e comunitária

Acena-se, também, na Exortação, a problemas doutrinários e práticos que ainda precisam ser esclarecidos, que são confiados a comissões de estudo. Entre eles interessam-nos particularmente os que dizem respeito aos Institutos mistos e às novas formas de vida evangélica⁴. Acompanhamo-los e esperamos ulteriores desenvolvimentos para decidir, quando for o caso, sobre uma orientação de acordo com a nossa identidade carismática. Assim indicou-o o CG24 numa deliberação sobre a forma da nossa Sociedade: “À luz da Exortação Apostólica *Vida Consagrada* (n. 61) e dos desenvolvimentos jurídicos em curso sobre a ‘forma’ dos Institutos religiosos, o CG24 reputa importante um estudo sobre a possível forma ‘mista’ da nossa Sociedade e um ulterior aprofundamento para ver se as novidades inerentes a tal forma respondem ao nosso carisma e ao projeto originário do Fundador”⁵.

Mais, porém, que nos determos agora nesses aspectos, quero percorrer o texto convosco para recolher e interiorizar alguns estímulos, colocando-os em confronto com a nossa experiência e contextualizando-os neste tempo que vivemos como Congregação.

Trata-se de uma leitura que comporta acolhida interior, atenção preferencial a alguns pontos substanciais e seguros, confronto com a nossa vida concreta e mentalidade.

Houve quem indicasse alguns limites da Exortação. Recordam-nos que vivemos no tempo e que, depois do não indifferente esforço de reflexão, ainda existe diante de nós um caminho a percorrer. Tomar consciência dele com serenidade faz parte da co-responsabilidade que os religiosos têm em relação a toda a experiência da Vida Consagrada. Não seria, entretanto, generoso e útil deter-se sobre eles diante da ri-

⁴ cf. VC n. 61, 62

⁵ “CG24 n. 192

queza oferecida pela Exortação. A sabedoria leva a dar a cada elemento o seu justo peso em função da vida.

Nessa mesma linha, será útil às comunidades uma leitura *criativa*, não limitada ao conhecimento dos conteúdos, mas procurando reformulá-los na própria medida, através do confronto do escrito com a própria vida. O texto deve servir de estímulo à revisão, ao repensamento e à conversão.

Interessa-nos por último, uma leitura *pastoral*. Os consagrados acolheram com gratidão esta Exortação de João Paulo II. Consideram-na um instrumento de revisão e relançamento no interior do próprio Instituto, mas também uma oportunidade para tornar conhecido o dom da Vida Consagrada na comunidade eclesial e na história humana. Frequentemente ela é pouco conhecida em seu significado essencial, mesmo onde os consagrados estão em contato cotidiano com o povo. Coloca-se-nos a questão se a nossa linguagem e sinais são adequados a torná-la compreendida ou se descuidamos de comunicar a nossa experiência.

Temos particular interesse em apresentá-la aos jovens na beleza de seu significado perene e em sua validade atual. Isso faz parte do itinerário de fé que procuramos explicitar no último sexênio, responde ao momento particular de definição de vida que os jovens atravessam e vem ao encontro de um profundo desejo de conhecer suas melhores realizações. Devemos, então, nos re-apropriar da nossa experiência para fazer dela uma mensagem, e comunicá-la com eficácia.

3. O dom da nossa Vida Consagrada

Impressiona a repetição da palavra *dom*, em referência à totalidade da Vida Consagrada, a cada uma de suas manifestações históricas ou carismas, a muitas de suas componentes ou aspectos particulares: os votos, a comunidade, o serviço da caridade. Um dom recebido e um dom ofertado. A abun-

dância de modulações com que essa referência é reproposta deixa a impressão, ao final da leitura, de que a categoria do dom seja uma das fundamentais para perceber a natureza da Vida Consagrada, em sua justa claridade. O dom leva à gratuidade, ao amor que está em sua origem, à alegria de sentir-se objeto de predileção, à excelência.

Com freqüência detemo-nos em discussões que dizem respeito à nossa identidade de consagrados. Mais freqüentemente ainda acontece-nos escutar ou colocar-nos na análise das dificuldades a serem superadas para sermos significativos. Provoca-nos o ambiente secular pouco inclinado a reconhecer o valor de opções e motivações que vão além do funcional, do temporal ou do prático. Desafia-nos também a aparente ineficácia de nossos esforços em vista dos grandes fenômenos do nosso tempo: a perda do senso religioso, a desorientação ética, as pobrezaas que se expandem e se tornam sempre mais extremas, as discriminações, os conflitos que degeneram em violência continuada. Preocupa-nos ainda a escassa resposta vocacional, sobretudo lá onde parecem prevalecer a racionalidade, o bem-estar e o desenvolvimento. E, não por último, estamos conscientes dos nossos limites pessoais e institucionais na realização de um projeto que nos atrai em sua apresentação ideal.

Nós, salesianos, nos questionamos, particularmente, sobre o como viver e falar da nossa experiência aos jovens, abertos aos significados e disponíveis a experiências espirituais, mas distraídos por estímulos múltiplos e fugazes, levados a projetos mais imediatos, diversos de nós naquilo que diz respeito aos gostos, linguagem e estilo de vida. Eles com freqüência nos questionam sobre o significado e as razões da nossa existência consagrada.

Este confronto com o mundo não é estranho à experiência do crente e do consagrado. Encontramos suas abundantes marcas na Bíblia. Os Salmos exprimem-no com insólita eficácia e em forma de invocação sofrida quando apresentam

o desafio do céptico: “Onde está o teu Deus”?⁶. Com efeito a presença de Deus e a experiência que ela provoca no homem não é redutível a uma visão puramente temporal, e os seus sinais possuem uma certa estranheza à percepção humana: estão envolvidos no mistério e exigem a fé e a graça.

A Exortação não ignorou estes dados de uma análise que não é só sociológica e conjuntural, mas teológica. Eles são lidos em filigrana. Mas não quis fazer deles um capítulo importante. Não considerou sequer negativa a exigência de medir-se com um contexto secularizado em que somos chamados a testemunhar a opção do primado de Deus e da caridade. Como também não se abandonou a lamentos, justificados ou pretextuosos, de desvios da Vida Consagrada no complexo processo de renovação após o Concílio Vaticano II.

A sua visão é positiva e estimulante. Volta-se e como que fixa o olhar no valor da Vida Consagrada, iluminado-o com perspectivas novas.

Algumas delas apelam à *experiência pessoal* de quem se sentiu chamado a este gênero de vida: a particular clareza com que Cristo nos apareceu e o fascínio que exerceu sobre nós, a riqueza de perspectivas que se abrem à existência quando se concentra em Deus, a paz que se experimenta quando se ama com coração indiviso, as alegrias da doação na missão, o privilégio de gozar da intimidade de Cristo e participar conscientemente da vida trinitária. Isso tudo é significado no ícone da Transfiguração de Cristo diante dos discípulos, recolhidos por Ele, testemunhas da sua glória.

É um convite a revisitar os nossos momentos de Tabor, os aspectos melhores da nossa experiência pessoal, interpretando-os à luz da Palavra de Deus, assumindo-os como motivações para uma corajosa fidelidade.

O valor da Vida Consagrada manifesta-se também *na e pela Igreja*. Ela produz copiosos frutos de santidade e serviço

⁶ Salmo 42, 4

em cada estação da Igreja⁷. Rápidas passagens históricas fazem ver a persistência, a riqueza, a diversidade de expressões que caracterizaram o surgimento das diversas formas de Vida Consagrada aberta, ainda hoje, a novas expressões. Um Evangelho desdobrado no tempo! Ela repropõe a santidade, reflete o estilo de vida de Cristo, ajuda a descobrir os sinais do Reino e impele continuamente para a realização definitiva do homem. É indispensável, por isso, não tanto à organização operativa da Igreja, mas à sua experiência substancial: a do mistério, da relação com o seu Senhor.

A consideração do valor da nossa consagração, no intercâmbio com outras vocações eclesiais, em “harmonioso conjunto de dons”, é particularmente atinente ao tempo que estamos vivendo. O CG24 no-lo recorda quando descreve o papel da comunidade religiosa no interior da CEP: “Com sua própria vida, o salesiano SDB traduz o evangelho em linguagem acessível sobretudo aos jovens: pelos valores da consagração desperta interrogações e aponta possibilidades de sentido; pela sua doação anuncia que o segredo da felicidade está no perder a vida para reencontrá-la; pelo seu estilo torna atraente o espírito das bem-aventuranças e anuncia a alegria da Páscoa; pelo seu construir comunidade torna-se imagem da Igreja, sacramento do Reino⁸”.

Como educadores, empenhados na promoção humana e na cultura, somos estimulados também por aquelas perspectivas que falam da incidência da Vida Consagrada na história do homem, não só através do serviço, mas também por meio dos horizontes que abre, dos valores que estimula e das atitudes que cria.

A fixação do olhar no dom de Deus, descobrindo nele a profundidade da sabedoria, a luminosidade da vida, a beleza das experiências, a alegria dos encontros, a generosidade do amor, coloca-nos em clima de contemplação.

⁷ cf. VC n. 5

⁸ CG24 n. 151

As leituras superficiais da realidade podem, com efeito, deixar impressões de estranheza, ineficácia e insignificância. Indo às fontes da nossa vida, à grande presença que a provocou, à palavra que ilumina o seu sentido e o seu destino, reforça-se a consciência do mistério que age em nós e se percebem em profundidade os fatos que nos interpelam.

A “ação de graças” atravessa, então, todo o documento, desde as suas primeiras palavras. Falou-se que o texto passa continuamente da teologia à doxologia, da reflexão ao louvor de Deus.

Da contemplação do dom de Deus brota a serena confiança no enfrentar as dificuldades presentes e as esperanças no futuro. Existem certamente questões de significatividade, de adequação pastoral, de estilo de vida, de diálogo cultural. Vivemos tempos de colheita e de sementeira. João Paulo II, porém, encoraja-nos: “Não tendes apenas uma história a recordar e narrar, mas uma grande história a construir. Olhai o futuro, para o qual vos projeta o Espírito a fim de realizar convosco ainda grandes coisas”⁹. A nossa é “uma vida ‘tocada’ pela mão de Cristo, abrangida pela sua voz, sustentada pela sua graça”¹⁰. Desenrola-se como um êxodo da luz da Transfiguração àquela definitiva da Ressurreição¹¹.

4. A espiritualidade: uma exigência prioritária

A espiritualidade aparece como a dimensão fundamental da Vida Consagrada, o ponto de convergência unificador de todas as perspectivas a partir de onde ela é aprofundada: teológicas, históricas, bíblicas, pastorais. É portanto um elemento transversal e penetrante de toda a Exortação.

⁹ VC n. 110

¹⁰ VC n. 40

¹¹ cf. *ib.*

Concentra-se, porém, em alguns números que a apresentam de forma direta e prática. Os títulos desses números são uma síntese facilmente compreensível: existência transfigurada, chamado à santidade¹², empenho decidido pela vida espiritual¹³, formação permanente¹⁴, uma resposta de espiritualidade para a procura de sentido e a nostalgia de Deus¹⁵. Não está nunca separada, e muito menos oposta, à reflexão teológica e à atividade apostólica, mas enraíza-se solidamente na primeira e dá sua forma característica à segunda.

Alguém que estudou a fundo a Exortação afirma com razão que, devendo-se sublinhar logo uma nota forte no documento, essa é a espiritualidade realista e encarnada, que aparece seja na como que “mística” da doutrina, seja na múltipla referência explícita à necessidade e ao empenho de espiritualidade¹⁶.

Do Espírito, como dom originário e germinal, tomam forma a particular configuração da consagração, o estilo da missão, a vida comunitária, a prática original dos votos.

A espiritualidade é, pois, como que o princípio de individuação, a partir do qual se desenvolve a identidade. A Vida Consagrada com efeito não nasce de um projeto geral, pensado por alguém na escrivania, mas de experiências singulares de vida no Espírito, de acordo com o que se acolhe, se sente e se exprime o amor a Deus e ao próximo, revelado em sua plenitude em Cristo. A Exortação reforça-o em não poucos pontos, mas nele se detém sobretudo na introdução quando traça o tipo espiritual das diversas formas de Vida Consagrada surgidas no tempo¹⁷.

¹² cf. VC n. 35

¹³ cf. VC n. 93

¹⁴ cf. VC n. 69

¹⁵ cf. VC n. 103

¹⁶ cf. CASTELLANO CERVERA J., *Dimenzione teologica e spirituale della vita consacrata: tradizione, novità, profezia*, in AA.VV. *Vita consacrata*, Rogate, Roma 1996, p. 38

¹⁷ cf. VC n. 5-11

Para a expressão completa de uma espiritualidade original convergem regra, projetos, ordenamentos. “Todos estes elementos, inseridos nas várias formas de Vida Consagrada, geram uma espiritualidade peculiar, isto é, um projeto concreto de relacionamento com Deus e com o meio circundante, caracterizado por modulações espirituais particulares e opções de ação que colocam em evidência e repropõem ora um aspecto ora outro do único mistério de Cristo. Quando a Igreja reconhece uma forma de Vida Consagrada ou um Instituto, garante que, no seu carisma espiritual e apostólico se encontram todos os requisitos para alcançar a perfeição evangélica pessoal e comunitária”¹⁸.

A vida espiritual é portanto “uma experiência prioritária, inscrita na mesma essência da Vida Consagrada, do momento que como qualquer outro batizado, antes, com motivos mais prementes, aquele que professa os conselhos evangélicos deve fazer questão de tender com todas as forças à perfeição da caridade”¹⁹.

Dela depende a fecundidade apostólica e o atrativo vocacional sobre as novas gerações. Surge como a energia e o ponto de desdobramento para aquela renovação que esteve no centro do discurso, dos projetos e das expectativas nestes anos: “Tender à santidade, eis em síntese o programa de toda Vida Consagrada, também na perspectiva da renovação no limiar do Terceiro Milênio”²⁰.

Esta exigência premente, repetida após a revisão feita pelo Sínodo, parece indicar a espiritualidade como “a última fronteira” da Vida Consagrada, a sua única possibilidade de tornar-se significativa e fecunda. Surge, de fato, como a única capaz de tornar crível a proposta ética, porque animada da verdade e do amor, de superar, na pastoral, a única iniciação catequética e os aspectos organizativos, inspirando-se na ló-

¹⁸ VC n. 93

¹⁹ *ib.*

²⁰ *ib.*

gica da graça e dos sacramentos, e de vivificar com a caridade o anúncio, a celebração, o testemunho e o serviço²¹.

Programa e caminho

O discurso sobre a prioridade da vida espiritual torna-se concreto quando se recordam as dimensões e as exigências comprovadas pela experiência secular da Vida Consagrada.

Antes de tudo, a fidelidade ao *patrimônio espiritual* de cada Instituto²². Trata-se de fidelidade criativa e não de observância material ou de conservação imobilizada. É preciso referir-se à alma, às atitudes e às opções evangélicas dos Fundadores e Fundadoras para responder aos desafios que nos vêm da mentalidade dominante ou dos problemas atuais da convivência humana. Cada carisma, com efeito, comporta uma forma de relacionamento com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo expressa na história. Essa fidelidade criativa não deve referir-se apenas às iniciativas apostólicas mas, em primeiro lugar, ao estilo de vida das pessoas e das comunidades. Delas vem um apelo à transparência evangélica, à radicalidade e à coragem apostólica. No contexto dessa fidelidade, afirma a Exortação, “torna-se hoje premente em cada Instituto a necessidade de um renovado referimento à Regra, pois nela se encerra um itinerário de seguimento”²³ e se oferece a genuína tradição espiritual do Instituto. É um apelo a explorar continuamente e a extrair sempre novas riquezas do nosso patrimônio.

Entre as dimensões a cultivar-se com particular atenção vem, em primeiro lugar, a *contemplativa*, que se exprime no sentido da presença de Deus acolhido com amor e gratidão. A

²¹ cf. CASTELLANO CERVERA J., *Dimensione teologica e spirituale della vita consacrata: tradizione, novità, profezia*, in AA.VV. *Vita consacrata*, Rogate, Roma 1996, p. 5

²² cf. VC n. 36

²³ VC n. 37

ela referem-se as nossas Constituições quando afirmam que “trabalhando pela salvação da juventude, o salesiano faz experiência da paternidade de Deus e reaviva continuamente a dimensão divina da própria atividade. Cultiva a união com Deus, consciente da necessidade de rezar sem interrupção em diálogo simples e cordial com Cristo vivo e com o Pai, que percebe perto de si. Atento à presença do Espírito e tudo fazendo por amor de Deus, torna-se, como Dom Bosco, contemplativo na ação”²⁴.

Dessa dimensão, todos e sempre têm necessidade: “A teologia, para poder valorizar plenamente a própria alma sapiencial e espiritual; a oração, para que nunca esqueça que ver a Deus significa descer da montanha com um rosto tão radiante ao ponto de sermos obrigados a cobri-lo com um véu; o compromisso, para renunciar a fechar-se numa luta sem amor e perdão”²⁵.

A dimensão contemplativa atravessa e permeia todas as formas de Vida Consagrada, embora tenha seus lugares e momentos típicos e manifestativos para cada carisma. Como a assuma e pratique o salesiano, exprimem-no dois textos que unem estreitamente oração e encontro educativo. O primeiro é o artigo 95: “A necessidade de Deus, sentido no trabalho apostólico, leva-o a celebrar a liturgia da vida, até chegar à ‘operosidade incansável, santificada pela oração e pela união com Deus...’”. O segundo refere-se ao momento educativo como lugar característico da nossa experiência de Deus: “Dom Bosco ensinou-nos a reconhecer a presença atuante de Deus em nosso empenho educativo, a experimentá-la como vida e amor... Nós cremos que Deus nos está esperando nos jovens para oferecer-nos a graça do encontro com Ele... O momento educativo torna-se assim lugar privilegiado do nosso encontro com Ele”²⁶.

²⁴ *Const.* 12

²⁵ *VC* n. 38

²⁶ *CG23* n. 95

A dimensão contemplativa se alimenta e reforça nas fontes que preservam do desgaste e das quedas de tensão. A Exortação evidencia a Palavra de Deus, a comunhão com Cristo na Liturgia, particularmente na Eucaristia e na Reconciliação, a direção espiritual. Detém-se em sublinhar o valor da *Lectio divina*: “Realizada na medida das possibilidades e circunstâncias da vida de comunidade, ela leva à partilha feliz das riquezas encontradas na Palavra de Deus, mercê das quais irmãos e irmãs crescem juntos e se ajudam a progredir na vida espiritual”²⁷. Sabe-se que ela comporta um contato estreito com o texto, uma interiorização da Palavra, o confronto com a vida e a partilha. É, para nós, uma sugestão para recuperar momentos e formas de comunicação espiritual que poderia colocar de maneira mais evidente a Palavra de Deus onde quer o artigo 87 das Constituições: “A Palavra ouvida com fé é para nós fonte de vida espiritual, alimento da oração, luz para conhecer a vontade de Deus nos acontecimentos e força para viver com fidelidade a nossa vocação”.

A dimensão *apostólica* emerge da unidade interna entre consagração e missão: “Na sua vocação, portanto, está incluído o dever de se dedicarem totalmente à missão; mais, a própria Vida Consagrada, sob a ação do Espírito Santo que está na origem de toda a vocação e carisma, torna-se missão, tal como o foi toda a vida de Jesus”²⁸. Preme-se também na exigência de compreender e cultivar uma espiritualidade da ação que leve a “ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”²⁹, expressa com um ícone que apresenta imediatamente seu significado: o lava-pés em que “Jesus revela a profundidade do amor de Deus pelo homem”³⁰.

²⁷ VC n. 94

²⁸ VC n. 72

²⁹ VC n. 74

³⁰ VC n. 75

A espiritualidade comporta também a dimensão *ascética*, de resistência ou combate espiritual, representada com o ícone de Jacó que luta com o Anjo. “Ajudando a dominar e corrigir as tendências da natureza humana ferida pelo pecado, a ascese é verdadeiramente indispensável para a pessoa consagrada permanecer fiel à própria vocação e seguir Jesus pelo caminho da Cruz”³¹. Trata-se de um aspecto não muito congenial à sensibilidade corrente que tende a satisfazer os desejos e a justificá-lo. Cada Instituto tem uma tradição ascética coerente com o próprio estilo espiritual. Existem no nosso algumas palavras-chave que a definem: trabalho, temperança, carinho e competência na missão educativa, relação fraterna.

Aspecto importante desta ascese é integrar no projeto de vida em Deus algumas tendências que, desenvolvidas de forma autônoma, comprometem a qualidade da experiência espiritual e a finalidade da missão: uma busca exasperada da eficiência e da profissionalidade separadas das finalidades pastorais, a secularização da mentalidade e do estilo de vida, as formas, mesmo dissimuladas, de nacionalismo ou a afirmação excessiva da peculiaridade cultural³².

A espiritualidade, como caminho, leva a assumir a totalidade da existência em suas diversas fases. “O indivíduo procura e encontra em cada fase da vida, uma tarefa diversa a cumprir, um modo específico de ser, de servir e de amar”³³.

Algumas pinceladas apresentam as possibilidades e os riscos presentes nas diversas idades do homem e o esforço que requerem: o esvaziamento espiritual na fase de intensa atividade, o hábito, a desilusão e o perigo do individualismo na idade adulta, o afastamento da atividade nos anos da velhice e da doença. Cada fase tem, porém, uma graça particular do Senhor e inclui um intenso convite a crescer e

³¹ VC n. 38

³² cf. *ib.*

³³ VC n. 70

corresponder de forma madura através da *formação permanente*.

Desde os anos 70, ela teve entre nós satisfatórios desenvolvimentos com os cursos que se difundiram em todas as regiões. O CG23 relançou um aspecto que já vinha se realizando: a comunidade local e o “cotidiano” como espaço do crescimento contínuo sobretudo através da qualidade de relações e da comunicação, os momentos de oração, a projeção comunitária e a realização co-responsável da missão.

Não se deve subestimar a importância do empenho pessoal sistemático; talvez seja este o momento de voltar a propósito. A nossa vida precisa integrar reflexão e prática, estudo e atividade, silêncio e encontro embora para nós isso não esteja ligado a uma rígida alternância de tempos. É uma das chaves para tender àquela qualidade espiritual, pastoral e cultural a que me referia no discurso conclusivo do CG24³⁴.

Uma pastoral da espiritualidade

Há um tom de novidade na Exortação quando afirma que a vida espiritual não é só pré-condição, base ou preparação para o serviço que os consagrados prestam ao homem, mas aspecto essencial da sua missão. Eles são convidados a se tornarem guias espirituais especializados e a multiplicarem iniciativas que tenham como finalidade acompanhar os fiéis na caminhada para o Senhor³⁵.

Assim iluminadas, devem ser lidas com atenção as palavras da Exortação que confiam aos consagrados a missão de “suscitar em cada fiel um verdadeiro anseio de santidade, um forte desejo de conversão e renovoamento pessoal num clima de oração cada vez mais intenso e de solidário acolhimen-

³⁴ cf. CG24 n. 242-243

³⁵ cf. VC n. 39

to do próximo, especialmente do mais necessitado”³⁶. Trata-se, não de uma missão individual, mas de um entendimento comunitário e de uma finalidade institucional: “Cada Instituto e cada comunidade se apresentem como escolas de verdadeira espiritualidade evangélica”³⁷.

O serviço à dimensão da espiritualidade vai além dos limites da comunidade cristã, e se coloca como acompanhamento e apoio para todos aqueles que estão à procura de sentido e de orientação. “Aqueles que abraçam a Vida Consagrada, homens e mulheres, colocam-se, pela natureza mesma da sua opção, como interlocutores privilegiados da procura de Deus que desde sempre inquieta o coração do homem e o conduz a múltiplas formas de ascese e de espiritualidade”³⁸.

É o que apostamos neste sexênio. Estamos cientes de ter realizado uma caminhada de renovação da mentalidade, repensamos conteúdos e métodos do trabalho pastoral, atualizamos as estruturas de vida comunitária e de governo. Empenhamo-nos, no momento, na convocação dos leigos, na partilha de responsabilidades com eles, de nos formarmos juntos. Mas, como notava no discurso de conclusão, “o CG24 chegou à espiritualidade à procura de uma fonte de comunhão entre leigos e salesianos. Difunde-se na Congregação a consciência de que nossos laços com os leigos precisam de maior vigor espiritual se, juntos, devemos enfrentar os difíceis desafios da missão salesiana na hora presente”³⁹.

A própria Exortação havia antecipado esta chegada quando afirmava: “Hoje alguns Institutos, freqüentemente por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos. E assim estes são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto”⁴⁰.

³⁶ VC n. 39

³⁷ VC n. 93

³⁸ VC n. 103

³⁹ CG24 n. 239

⁴⁰ VC n. 54

A fim de facilitar esse compromisso formularam-se alguns quadros de referência que dão uma idéia adequada da nossa espiritualidade. Os salesianos têm as Constituições e nelas o capítulo sobre o espírito salesiano, ponto de partida e base das demais apresentações. O P. Egídio Viganó indicou alguns traços que formam o patrimônio comum de toda a Família Salesiana⁴¹, retomados e ulteriormente explicitados na Carta de Comunhão. Desde os anos 80 foram formulados para os jovens “programas” e propostas, e o CG23 deu-lhes respeitabilidade de proposta comunitariamente compartilhada. Há pouco foi oferecida uma sua apresentação preparada pelos dois dicastérios de Pastoral Juvenil FMA e SDB.

O CG24 procurou evidenciar o que nos leva a compartilhar mais e melhor a missão com os leigos: o amor preferencial na forma de caridade pastoral pelos jovens, especialmente os mais pobres⁴², a qualidade do encontro educativo e o espírito de família⁴³, o compromisso com a Igreja e com o mundo movidos pelo “da mihi animas”⁴⁴, o cotidiano feito de empenho, relações, profissionalidade, vivido à presença de Deus⁴⁵, a prática educativa do Sistema Preventivo continuamente renovada⁴⁶.

A nossa espiritualidade foi assim formulada para os religiosos, para os jovens e para os leigos. Dispomos de textos de meditação e de orientação. “Concluimos o CG24 com a convicção de que propor a eles (os leigos) a espiritualidade salesiana é a resposta adequada a um pedido premente e a oferta de um dom desejado. De resto, a procura de espiritualidade nos leva a descobrir os tesouros de família, a desenvolver

⁴¹ cf. ACS n. 324

⁴² cf. CG24 n. 89-90

⁴³ cf. CC24 n. 91

⁴⁴ cf. CG24 n. 95

⁴⁵ cf. CG24 n. 97

⁴⁶ cf. CG24 n. 99

e aprofundar aqueles traços que Dom Bosco nos confiou com extraordinária eficácia⁴⁷.

É preciso reconhecer, porém, que somos iniciados numa espiritualidade através do encontro com alguém que dela fez experiência e a vive com alegria e convicção, através da participação de um grupo que a comunica com capacidade de envolvimento, sob a guia e orientação espiritual de quem conhece seus caminhos e recursos.

Desde quando conhecemos formulações e perspectivas, devemos acentuar os seguintes pontos: vida, comunidade, comunicação, orientação.

5. Os muitos âmbitos da comunhão

Outro filão, de onde tirar vantagem na leitura da Exortação, é o que se refere à comunidade. Sua novidade está na missão de comunhão que é confiada aos consagrados. A reflexão segue duas direções: uma, que olha para o interior da comunidade, assume e confirma quanto propunha o documento anterior *A vida fraterna em Comunidade, Congregavit nos in unum*⁴⁸; outra, que visa o exterior.

A partir o Concílio Vaticano II, todos os Institutos vêm atuando uma mudança que leva da comunidade, entendida antes de tudo como “vida comum”, à experiência de comunhão. A primeira sublinha a importância das estruturas que regulam a convivência. A segunda volta-se para o amor recíproco, a participação nos projetos, a comunicação profunda, a co-responsabilidade.

Também nós, através de um itinerário de realces e de equilíbrios, levamos à unidade carismática os dois elementos indispensáveis para uma presença comunitária real e

⁴⁷ CG24 n. 240

⁴⁸ cf. CIVCSVA, 2 de fevereiro de 1994

testemunhadora, o “espiritual”: a fraternidade em Cristo que se exprime na unidade dos corações e na qualidade das relações interpessoais; e o outro mais visível, “a vida comum” ou vida de comunidade, que consiste em morar na mesma casa religiosa, participar dos atos comuns, levar adiante as iniciativas pastorais com o esforço de todos.

“É claro que a vida fraterna não será automaticamente realizada pela observância das normas que regulam a vida comum; mas é evidente que a vida comum tem a finalidade de favorecer e exprimir a vida fraterna”⁴⁹. O nosso carisma, a nossa prática, a nossa missão e o característico espírito de família levam a unir estreitamente os dois aspectos: comunhão de espírito e vida de comunidade.

As nossas Constituições atribuem a esta fusão, que exige maturidade humana e profundidade espiritual, significatividade e particular incidência pastoral, a ponto de fazer dela elemento indispensável da missão. “Viver e trabalhar juntos é para nós salesianos exigência fundamental e caminho seguro para realizarmos a nossa vocação. Por isso nos reunimos em comunidades, nas quais nos amamos a ponto de tudo compartilhar em espírito de família e construirmos a comunhão das pessoas”⁵⁰.

Vê-a o CG23 como sinal, escola e ambiente de fé para os jovens⁵¹, lugar preferencial da formação permanente para os salesianos⁵², presença testemunhadora no território⁵³, centro de comunhão e participação⁵⁴, sujeito de uma pastoral orgânica⁵⁵, proposta vocacional⁵⁶.

⁴⁹ *Congregavit nos in unum*, n. 3

⁵⁰ *Const.* 49

⁵¹ cf. CG23 n. 216-218

⁵² cf. CG23 n. 222

⁵³ cf. CG23 n. 225-226

⁵⁴ cf. CG23 n. 232-234

⁵⁵ cf. CG23 n. 239-246

⁵⁶ cf. CG23 n. 252

O CG24 deteve-se, depois, em explicitar, do ponto de vista teórico e nas aplicações práticas, a qualificação de *núcleo animador* e as condições internas que lhe permitem vir a sê-lo: a identidade carismática, a unidade de espírito e de projeto, o conhecimento e prática do Sistema Preventivo, a interioridade apostólica, a criatividade, a capacidade de comunicação. Estudou também as formas concretas de exercício de tal empenho: a atenção ao envolvimento, a participação, a distribuição das responsabilidades, os processos de formação.

Enquanto este quadro estimulante vai se tornando mentalidade comum, nós também experimentamos a incidência de fenômenos externos e internos que põem à prova a comunidade e a comunhão. Entre os primeiros está a reivindicação de maiores espaços de liberdade pessoal, o consumismo que leva à posse individual de bens, a explosão das comunicações. Entre os segundos, a redução numérica, o alargamento do campo de trabalho real e potencial, o apelo das novas urgências, uma nova relação com o exterior.

A Exortação insiste fortemente sobre o valor indispensável da vida fraterna para a renovação e eficácia da missão⁵⁷. João Paulo II já o sublinhara alguns anos antes em discurso ao Plenário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: “Toda a fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida fraterna em comum. Mais ainda, a atual renovação na Igreja e na Vida Religiosa é caracterizada por uma procura de comunhão e comunidade”⁵⁸.

A confirmação disso vem do aprofundamento da dimensão trinitária, de onde provêm as conseqüências eclesiológicas e antropológicas propostas de novo, não só como paradigma das relações recíprocas, mas presença atual, causa e origem da comunhão entre os religiosos. “Também a vida fraterna se

⁵⁷ cf. VC n. 72

⁵⁸ João Paulo II, *Discurso ao Plenário da CIVCSVA*, 20 de novembro de 1992

apresenta como uma eloqüente confissão trinitária. Confessa o Pai, que quer fazer de todos os homens uma só família; confessa o Filho encarnado, que congrega os redimidos na unidade...; confessa o Espírito Santo, como princípio de unidade na Igreja”⁵⁹.

A comunidade, portanto, não é apenas funcional ao trabalho. Ela é “um espaço humano habitado pela Trindade”⁶⁰, onde Deus se faz presente e age através da memória do Senhor, do amor no qual nos empenhamos e nos queremos enraizar, da unidade daqueles que se apresentam como seguidores de Cristo.

Especialistas de comunhão

A comunhão é igualmente conteúdo e fim da missão. “Até agora, talvez, jamais tenha sido reconhecida, de maneira tão explícita, uma tão grande missão à vida fraterna”⁶¹.

Fortes de uma experiência pessoal que é dom de Deus, os consagrados, como indivíduos e comunidade, são chamados a expandir, reforçar ou recriar a comunhão: tornam-se “especialistas de comunhão”⁶², fermento de unidade, agentes de reconciliação.

São múltiplos os âmbitos onde agir. Na *Igreja universal*, a comunhão é potencializada capilarmente pelo testemunho fraterno e pela ação de toda a Vida Consagrada, pela solidariedade operativa pela qual os consagrados acorrem às fronteiras da evangelização, pela disponibilidade aos apelos urgentes da Igreja, pela sua comunhão com o Santo Padre. Não deve ser negligenciada a incidência sobre a comunhão universal que deriva da nossa presença, da ação entre os jovens e adultos, da profissão de fé, da nossa palavra e das

⁵⁹ VC n. 21

⁶⁰ VC n. 41

⁶¹ CIARDI F., *La Comunione in "Vita Consecrata"*, in *Religiosi in Italia*, n. 294 p. 120

⁶² cf. VC n. 46

tomadas de posição. Nossa espiritualidade estimula-nos a dar uma contribuição pessoal cotidiana à unidade do corpo de Cristo: “Do nosso amor a Cristo nasce inseparavelmente o amor à sua Igreja, povo de Deus, centro de unidade e comunhão de todas as forças que trabalham pelo Reino”⁶³.

“Às pessoas consagradas — realça a Exortação — cabe uma função significativa, também *no seio das Igrejas particulares...* Muito podem contribuir os carismas da vida consagrada para a edificação da caridade na Igreja particular”⁶⁴. É um segundo âmbito onde a comunhão torna-se compromisso da nossa missão. Como modalidades práticas são indicadas “a colaboração com os bispos para o desenvolvimento harmonioso da pastoral diocesana”⁶⁵, o cuidado e a inserção do próprio patrimônio espiritual e práxis pastoral, o diálogo entre superiores e bispos, a atenção destes ao carisma, procurada e acolhida pelos religiosos⁶⁶.

Trata-se de um aspecto necessário em vista da educação dos jovens à fé, em que a experiência eclesial é indispensável e não fácil. É interessante recordar que Dom Bosco quis, em sua Igreja particular, atormentada por tensões doutrinárias e pastorais, colocar-se não de uma parte, mas no ponto crítico da comunhão. Fez prevalecer, na solução de um conflito pessoal, o bem da Igreja acima do desejo natural de justiça.

A Exortação apresenta a missão de comunhão em outro âmbito ainda: o das *relações entre os consagrados*. “Pessoas que estão unidas entre si pelo compromisso comum de seguir Cristo e animadas pelo mesmo Espírito, não podem deixar de manifestar visivelmente, como ramos da única videira, a plenitude do Evangelho do amor. Lembradas da amizade espiritual que muitas vezes ligou na terra os diversos fundadores e fundadoras, tais pessoas, permanecendo fiéis à índole do pró-

⁶³ *Const.* art. 13

⁶⁴ *VC* n. 48

⁶⁵ *ib.*

⁶⁶ *cf. ib.*

prio Instituto, são chamadas a exprimir uma fraternidade exemplar, que sirva de estímulo aos outros corpos eclesiais no empenho cotidiano de dar testemunho do Evangelho”⁶⁷.

Também por isso não faltam as indicações práticas: conhecimento, amizade, participação ativa nos organismos de animação e coordenação, comunicação e intercâmbio para “procurar compreender o desígnio de Deus no atual transe da história, para melhor lhe responder com iniciativas apostólicas adequadas”⁶⁸.

Na relação sobre o Estado da Congregação eu escrevia: “Estamos muito mais sensíveis e abertos à comunhão ampla realizada entre os Institutos de Vida Consagrada e também nos fazemos presentes com válidas contribuições nos acontecimentos e organismos de coordenação (CISM, CLAR, preparação do Sínodo, compromissos comuns)”⁶⁹. É um critério a manter e um caminho a continuar.

Não se deve subestimar a possibilidade de estabelecer colaborações sistemáticas e estáveis com outros religiosos em vista de determinados empreendimentos que solicitam convergência de competências e recursos. Já se o experimentou com os centros de estudos. A complexidade do atual contexto e as novas exigências de evangelização levam não só a concordar sobre impoções e linhas, mas também a pensar em algumas iniciativas comuns.

Há, depois, o âmbito do *território* ou comunidade humana, considerada em raio imediato e amplo: bairro, cidade, nação, mundo. Neles surge a necessidade de agregação, a invocação de paz, o desejo de reconciliação e de convivência digna e tranquilizadora. Aos velhos conflitos, presentes de formas novas, familiares, sociais e políticas, acrescentam-se outros típicos do nosso tempo como a estranheza cultural, a

⁶⁷ VC n. 52

⁶⁸ VC n. 53

⁶⁹ VECCHI, J. E., *La società di San Francesco di Sales nel sessennio 1990-95*, 4.3 n. 276

marginalização, os vários fundamentalismos, as pluralidades contrapostas. Com frequência terminam em paliçadas reais ou psicológicas, rejeição, desatenção.

Ser especialistas de comunhão quer dizer saber criar momentos e motivos de agregação, mediar os conflitos cotidianos, infundir vontade de encontro e convivência, favorecer estruturas e espaços humanizadores, ser pacíficos no sentido forte da palavra, visar a qualidade das relações, trabalhar para destruir preconceitos sociais ou étnicos, tornar-se sempre mais capazes de dialogar com mentalidades diversas. Por isso alguns desejam a constituição de comunidades internacionais e interculturais que sejam laboratórios de acolhida e valorização das diversidades, e delas façam experiência.

Há um último âmbito, indicado na Exortação, para o qual vai neste momento a nossa atenção, porque coincide com o empenho que nos foi pedido pelo CG24: o dos *leigos*, particularmente os “próximos e associados”⁷⁰.

Releiamos a passagem que já citava a propósito da espiritualidade: “Hoje alguns Institutos, freqüentemente por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos. E assim estes são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto”⁷¹. Uma rica exposição de motivos carismáticos, eclesiais e pastorais sustenta a afirmação.

Não me delongo em confrontar indicações e motivos com aqueles apresentados pelo nosso documento capitular referentes ao mesmo argumento. A convergência é muito evidente para que vos escape. Interessava apenas percorrer de novo esta parte da Exortação para relevar que estamos procurando realizar aquilo que a Igreja propõe e para mostrar que todos estes âmbitos são relacionados e se reforçam reciprocamente. No seu interior atuam aqueles que, segundo a mesma

⁷⁰ cf. VC n. 54-56

⁷¹ VC n. 54

Exortação, vivem e difundem a “espiritualidade da comunhão”⁷² e tornam-se “testemunhas e artífices do projeto de comunhão que está no vértice da história do homem”⁷³.

6. Um areópago para nós: a educação

Não nos terá passado despercebido que o primeiro dos areópagos, enumerado para a missão dos consagrados, é o “mundo da educação”⁷⁴.

A educação é tomada em sua acepção mais ampla e compreensível, como crescimento da pessoa e como conjunto de mediações que se colocam a seu serviço para: torná-la consciente do próprio ser e do seu destino, dar-lhe um conhecimento adequado da realidade, desenvolver a sua capacidade de avaliação e de escolha, abri-la ao sentido e ao mistério, anunciar-lhe a Palavra de Deus.

O modelo do educador é, com efeito, “o Mestre interior da Igreja que penetra as profundezas mais recônditas de cada homem e conhece o dinamismo da história”⁷⁵.

Entende-se nessa perspectiva e amplitude a função educativa da Igreja no mundo. A educação das pessoas e da humanidade não é uma manifestação opcional da caridade ou um aspecto setorial da missão: é o seu coração e o caminho indispensável. Assim como Deus salva o homem educando-o enquanto se dirige à sua consciência e dela espera resposta, a Igreja também exerce o seu ministério iluminando, propondo, interpelando a liberdade. Ela torna-se mediadora da ação educadora de Deus, prolongamento e atualização do magistério que Cristo exerceu com os discípulos e as multidões, sinal da ação do Espírito que transforma os corações.

⁷² cf. VC n. 51-57

⁷³ VC n. 46

⁷⁴ cf. VC n. 96-97

⁷⁵ VC n. 96

Por isso, tudo tem nela um caráter educativo: presença, anúncio, celebração, serviços vários. Tudo tende a dar ao homem consciência do seu ser, a ajudá-lo a descobrir e abraçar quanto de bom, de nobre, de eterno o Criador colocou nele, a abri-lo à relação que o constitui em sua dignidade com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo.

Inserese neste contexto o compromisso educativo dos consagrados, mais e antes, por força de sua opção de vida, do que das instituições específicas que criam ou das profissões que assumem. Neste sentido todas as formas de Vida Consagrada são fortemente educadoras do homem e, em primeiro lugar, dos cristãos. O sinal que oferecem, os valores que fazem próprios, o serviço que prestam, levam e ajudam a crescer em humanidade e fé.

Alguns entre os consagrados assumem profissionalmente o trabalho educativo e dele fazem o lugar onde viver a opção radical por Deus e o serviço aos irmãos, especialmente os mais necessitados.

A missão leva esses religiosos a agirem em três espaços. O primeiro compreende tudo o que diz respeito à *promoção integral* da pessoa, conforme as urgências que se relevam nas situações concretas. A sua obra neste campo, inspirada pelo amor de Cristo e sob o sinal de sua seqüela, é verdadeira evangelização.

O segundo espaço compreende a *iniciação cristã*, a educação daqueles que fizeram a opção da fé ou se demonstram disponíveis em considerá-la. Trata-se de acompanhar as pessoas a viverem na história como filhos de Deus, incorporadas à existência de Cristo, membros do seu povo. A catequese e a formação de uma mentalidade evangélica são suas partes principais.

O terceiro é a humanização e a *evangelização da cultura* como forma coletiva de educação conforme o processo descrito pela *Evangelii nuntiandi* para “chegar e quase subverter pela força do Evangelho os critérios de julgamento, os

valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade”⁷⁶.

Este quadro de referência é indispensável para perceber, de forma realística, quais sejam os desafios dirigidos à missão dos religiosos educadores e quais as respostas que eles podem dar.

A educação assim entendida não se limita ao setor escolástico nem apenas às instituições específicas conhecidas, embora estas representem o torrão duro do esforço social para oferecer a todos oportunidades de prevenção, recuperação e crescimento. O tipo de sociedade em que vivemos multiplicou os problemas de jovens e adultos. Ao itinerário educativo, que se desenvolvia segundo uma cartilha para a maioria, sucedeu a necessidade de adequação a múltiplas situações que se vão diferenciando à medida que a sociedade se torna complexa. É com razão que se relaciona na Exortação a educação ao “renovado amor pelo empenho cultural”⁷⁷ dos religiosos e à sua presença no mundo da comunicação social⁷⁸.

Dá-se-lhe o nome de “areópago”, lugar de diálogo aberto e não só sistema de instituições, justamente porque é preciso instaurar um diálogo transparente sobre o sentido da vida, com interlocutores diversamente orientados ou desmotivados, porque é preciso ir ao encontro das atuais questões da cultura e da vida com iniciativas novas.

Todo este discurso tem, para nós, um campo preferencial de aplicação: *os jovens, especialmente os mais pobres*. Eles põe à prova o realismo do nosso amor e a nossa capacidade de anúncio. Torna-se providencial para eles e para a Igreja que alguém vá à praça para entabular um diálogo com eles.

A Exortação reconhece que os consagrados, “pela sua especial consagração, pela peculiar experiência dos dons do

⁷⁶ cf. *EN* n. 19

⁷⁷ *VC* n. 98

⁷⁸ cf. *VC* n. 99

Espírito, pela escuta assídua da Palavra e o exercício do discernimento, pelo rico patrimônio de tradições educativas acumulado ao longo da história pelo próprio Instituto, pelo conhecimento profundo da verdade espiritual... são capazes de desenvolver uma ação educativa particularmente eficaz, oferecendo uma contribuição específica para as iniciativas dos outros educadores e educadoras”⁷⁹.

A citação de Dom Bosco: “os jovens não só sejam amados, mas eles mesmos percebam que são amados”⁸⁰ está inserida na memória dos “exemplos admiráveis de pessoas consagradas que viveram e vivem a tensão para a santidade através do empenho pedagógico, propondo contemporaneamente a santidade como meta educativa”⁸¹.

Ela recorda-nos que a educação, para nós, não é só consequência do propósito de santificação, mas lugar humano onde se adquire a sua fisionomia típica porque contém, conforme a índole da nossa vocação, também o momento de graça. O primado que damos a Deus em nossa vida e a seqüela de Cristo traduz-se no desejo de fazê-los viver no coração dos jovens que crescem, para que encontrem sentido e felicidade.

A unidade com que vivemos os dois aspectos plasma a fisionomia da nossa espiritualidade, que se identifica com o Sistema Preventivo e cria o estilo de nossa comunhão como “espírito de família”⁸².

No-lo havia indicado João Paulo II na carta *Iuvenum Patris*: “Agrada-me considerar de Dom Bosco sobretudo o fato de ele realizar a sua santidade pessoal no empenho educativo vivido com zelo e coração apostólico. O aspecto característico de sua figura é justamente esse intercâmbio entre educação e santidade”⁸³.

⁷⁹ VC n. 96

⁸⁰ Dom Bosco, *Carta de Roma* 1884, MB XVII, 110

⁸¹ VC n. 96

⁸² cf. *Const.* 16

⁸³ *IP* n. 5

Conclusão

Queridos irmãos, quis atrair a vossa atenção à Exortação que ilumina a Vida Consagrada para encorajar-vos a uma leitura acolhedora e criativa. Detive-me em comentar apenas alguns aspectos que julgo mais indicados para o momento presente, também em vista da realização do CG24.

Penso, com efeito, que olhando os objetivos mais fundamentais do CG24 temos necessidade de exprimir a esperança nos recursos da nossa vocação, dar atenção preferencial à nossa vida espiritual e à sua comunicação, ser homens de comunhão, repensar a importância que a educação tem na realização da vocação, da espiritualidade e da comunhão.

Concluo esta carta em oito de setembro, dia da Natividade de Maria. Em vista desta festa, aconteceram, em muitas Inspetorias as profissões. Das comunicações que chegam do mundo vemos, ainda uma vez, que “o Senhor ama a Congregação, deseja-a viva para o bem da sua Igreja e não cessa de enriquecê-la com novas vocações”⁸⁴. Eu mesmo tive a satisfação de receber doze primeiras profissões em nosso noviciado de Oktiabrskij, próximo a Moscou, e outras vinte e duas em Smarhon (Belarus).

Isso encoraja a fazer apresentar com confiança aos jovens a Vida Consagrada e a experiência que nós, no seguimento de Dom Bosco, fazemos dela.

Maria Santíssima, que acolheu o dom de Deus e o cantou no *Magnificat*, ajude-nos a viver com alegria a nossa experiência de caridade pastoral, a compartilhá-la com simplicidade em nossas comunidades e a comunicá-la com eficácia aos jovens.

A todos saúdo cordialmente e vos desejo um trabalho rico de frutos.



⁸⁴ Const 22

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

CRITÉRIOS E ORIENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DE COORDENAÇÃO DO CONSELHEIRO REGIONAL PARA A “ÁFRICA E MADAGASCAR”

Apresentamos o documento com que o Reitor-Mor, com o consenso do Conselho Geral, estabelece as competências do Conselheiro Regional para “a África e Madagascar”, atuando o CG24, 194.

Prot. n. 96/0917

O CG24, ao redefinir os GRUPOS DE INSPETORIAS (CG24 193-194), constituiu o grupo “ÁFRICA E MADAGASCAR”, dando a seguinte orientação ao Reitor-Mor e ao seu Conselho:

“O Reitor-Mor com o seu Conselho particularizará as responsabilidades do Regional na coordenação das demais presenças salesianas na África, no espírito do n. 310 do CG23” (CG24, 194).

A fim de atuar esta orientação o Conselho Geral, na sessão de 7 de junho de 1996, examinou, antes de tudo, a situação das presenças salesianas na África-Madagascar.

1. A REALIDADE DAS PRESENÇAS NA ÁFRICA

São estas as cinco circunscrições que constituem, na data deste documento, o Grupo de Inspetorias “ÁFRICA E MADAGASCAR”: **AFC** (África Central), **AFE** (África Leste), **AFM** (África Meridional), **MDG** (Madagascar), **ZMB** (Zâmbia-Malavi-Zimbábue). Entretanto a realidade salesiana na África

oferece, além destas circunscrições, um panorama variegado em relação, sobretudo, à coordenação das obras. Ela compreende:

1.1. DELEGAÇÕES DE VÁRIAS INSPETORIAS, cujo Delegado é nomeado pelo Reitor-Mor após uma oportuna consulta:

* **AFO**: Benin (SBI), Burkina Faso (SMA), Costa do Marfim (SBA), Guiné Conacri (MEG), Mali (SVA), Senegal (SLE), Togo (SCO e SSE).

* **AFT**: Camarões (FPA-ILT), Congo (FPA), Gabão (FPA), Guiné Equatorial (SMA).

1.2. DELEGAÇÕES DE UMA INSPETORIA

ANGOLA (BSP com a participação de todas as Inspetorias do grupo “AMÉRICA LATINA CONE SUL”); **ETIÓPIA** (ILE e MOR); **MOÇAMBIQUE** (POR).

1.3. PRESENCAS COM COORDENAÇÃO INFORMAL

NIGÉRIA (ICP e IAD); **GANÁ** (GEK); **LIBÉRIA** (GBR); **SERRA LEOA** (SUO com o envolvimento SUE); **REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA** (BEM); **CHADE** (IVO); **EGITO** (MOR); **CABO VERDE** (POR); **LÍBIA** (PLN); **MARROCOS** (FPA); **TUNÍSIA** (IRL-Delegação MALTA).

Esta realidade, que reflete processos diversos de coordenação e de consolidação das presenças, aconselha relações diferenciadas por parte do Conselheiro regional.

Levando em conta a situação descrita no contexto do “Projeto África” e as atribuições que as Constituições e Regulamentos gerais dão a cada Conselheiro regional (cf. C. 140; R. 135-137), o Reitor-Mor com o seu Conselho estabeleceu alguns **critérios e orientações**. Eles particularizam as tare-

fas e relações do Conselheiro Regional para a África e Madagascar, tanto em relação aos demais membros do Conselho Geral como aos Inspetores e às Inspetorias que atuam na Região.

2. ALGUNS CRITÉRIOS BÁSICOS

2.1. Critério de UNIDADE

O CG24, ao decidir a constituição de um grupo de Inspetorias para a “África e Madagascar”, manifestou sua vontade de favorecer uma crescente coordenação entre TODAS AS PRESENCAS dessa área geográfica. Conseqüentemente, o trabalho pedido ao Conselheiro regional, em vista do “contato entre as inspetorias e o Reitor-Mor”, do “cuidado dos interesses das inspetorias confiadas” e do “conhecimento das situações locais no Conselho” (C. 140), deve compreender — embora com modalidades diversas — todas as presenças salesianas da África e Madagascar.

2.2. Critério de INCULTURAÇÃO

A finalidade de toda estrutura de governo e animação é a “realização da MISSÃO SALESIANA” (cf. C. 121). Com a constituição do grupo de Inspetorias “África e Madagascar”, deseja-se favorecer e animar a INCULTURAÇÃO do carisma salesiano nesses territórios. O Conselheiro regional é chamado a favorecer e animar esse processo em todas as presenças da Região.

2.3. Critério de RECIPROCIDADE MISSIONÁRIA

A missão do Conselheiro regional para a África e Madagascar deve favorecer o empenho das Inspetorias de origem em relação às presenças missionárias e ao elo de animação missionária delas com as respectivas Inspetorias.

3. ORIENTAÇÕES SOBRE ALGUNS ASPECTOS CONCRETOS

3.1. *Coordenação das presenças*

O Conselheiro Regional:

— preocupa-se com o crescimento e a consolidação das presenças na região “ÁFRICA-MADAGASCAR”, em diálogo com os responsáveis locais e sempre nos limites constitucionais de seu cargo;

— promove, em união com o Conselheiro para as Missões, a animação missionária;

— interessa-se, de entendimento com o Conselheiro para a Formação Salesiana, pela criação de “estruturas” formativas na Região, com uma visão de conjunto.

3.2. Novas presenças na Região

Cabe ao Conselheiro para as Missões — de acordo com o Reitor-Mor e o seu Conselho — acompanhar o processo para as fundações nos países da Região onde a Congregação ainda não está presente. Para o encaminhamento de novas presenças nos países onde já existem casas ou obras salesianas, a iniciativa cabe ao respectivo Inspetor com o seu Conselho. Em ambos os processos, porém, deverá ser envolvido o Conselheiro Regional para a África e Madagascar.

É tarefa do Conselheiro Regional acompanhar a realização das convenções entre as circunscrições jurídicas existentes na África-Madagascar e as Inspetorias que aí iniciaram presenças salesianas no âmbito do “Projeto África”. Será igualmente tarefa sua promover as convenções para as novas circunscrições que venham a ser criadas.

3.3. As Visitas extraordinárias na Região

Levando em consideração o que é determinado de forma geral no artigo 104 dos Regulamentos, particularizam-se os

seguintes aspectos, em relação às situações peculiares da Região África-Madagascar.

3.3.1. Visitas extraordinárias das Delegações constituídas por várias nações

De acordo com as finalidades da coordenação desejada pelo CG24, crê-se conveniente que as presenças das Delegações constituídas por várias nações (cf. 1.1.) tenham uma sua específica visita extraordinária e que ela seja realizada pelo Conselheiro regional para a África e Madagascar. A visão de conjunto que ele poderá transmitir ao Reitor-Mor e ao seu Conselho e, conseqüentemente, a unidade das orientações dadas pelo Reitor-Mor ajudarão de forma maior o desenvolvimento salesiano numa determinada zona.

3.3.2. Visita extraordinária às Delegações de uma Inspeção

A visita extraordinária a essas Delegações (Angola, Etiópia e Moçambique) será feita a fim de favorecer a coordenação pelo Conselheiro regional para a África e Madagascar, preferivelmente em coincidência com a visita extraordinária à Inspeção à qual elas pertençam.

3.3.3. Presenças com coordenação informal

Mesmo as presenças que dependem apenas e de forma direta da própria Inspeção (cf. 1.3.), devem sentir-se 'de fato' da região África-Madagascar. O Conselheiro regional deve visitar essas presenças; de acordo com a oportunidade e o mandato recebido do Reitor-Mor fará ou não a visita extraordinária.

Para as presenças com coordenação informal que caminham para uma coordenação mais empenhativa (constituição de delegações, v. gr.) é oportuno que a visita extraordinária

ria seja feita pelo Conselheiro regional para a África e Madagascar e no mesmo período.

3.4. Encontros e Visita de conjunto

Conforme a praxe seguida até agora, todas as presenças da Região serão envolvidas na realização de encontros de animação e na Visita de conjunto.

3.5. O interlocutor dos Inspetores no Conselho Geral

Para as práticas jurídicas que digam respeito às presenças africanas, os Inspetores dirigir-se-ão, ordinariamente, ao Conselheiro regional para a África e Madagascar. Podem, também, dirigir-se ao Conselheiro regional da Região a que pertence a Inspetoria. Os dois Conselheiros regionais agirão de comum acordo e informação.

A apresentação de *práticas no Conselho Geral* será feita, indistintamente, de comum acordo, por ou outro Conselheiro regional.

Roma, 30 de junho de 1996.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Concluído o Capítulo Geral e após alguns dias de reuniões do Conselho, o Reitor-Mor foi em 25 de abril a Turim-Valdocco onde participou da festa da Comunidade Inspetorial da Circunscrição Especial Piemonte e Valle D'Aosta, que comemorava o 150º aniversário do início do Oratório de Valdocco.

Em 28 de abril visita Alassio, por ocasião da festa dos ex-alunos e da apresentação do volume que relata a história da presença dos salesianos naquela cidade. Os dois acontecimentos faziam parte das celebrações centenárias. O Prefeito, na circunstância, entregou ao Reitor-Mor o *alassiano de ouro*, equivalente à cidadania honorária.

De 22 a 25 de maio participou em Aricia da 49ª Assembléia dos Superiores Gerais que dedicaram alguns dias ao estudo da Exortação Apostólica *Vita consecrata*.

No dia 2 de junho toma parte na Assembléia Nacional das *Polisportive Giovanili Salesiane* da Itália, realizada em Rimini. Celebrou a Santa Missa para os

participantes e assistiu à sessão conclusiva.

De 15 a 19 de julho, com o Conselho Geral, visitou os lugares salesianos: Colle Don Bosco, Turim e Mornese. Em Castelnuovo Dom Bosco o Prefeito da cidade conferiu ao Reitor-Mor a cidadania honorária. À noite do dia 17, na Basílica de Maria Auxiliadora de Turim-Valdocco realizou-se a solene Celebração Eucarística com os irmãos da ICP, ao final da qual o Reitor-Mor assinou e depôs no altar de Dom Bosco a primeira Estréia do sexênio.

De 12 a 28 de agosto visita a Circunscrição Leste, percorrendo as presenças salesianas dos vários países que a compõem. Primeiramente na Lituânia, em Vilnius, abençoou a Casa da comunidade há pouco concluída e a primeira pedra da nova igreja em construção. Depois, em Palamonas-Kaunas, inaugura a igreja restaurada; nela, duas Filhas de Maria Auxiliadora emitem a sua primeira profissão. O Reitor-Mor também ali abençoa uma nova Casa para a comuni-

dade e tem a oportunidade de encontrar um consistente grupo de animadores vindos da Itália para animar o Verão Jovem.

Depois de saudar os irmãos de Rumsiskés, passa à Ucrânia. Em Korostysiv celebra a Santa Missa para o povo e encontra-se com os jovens vindos de diversas Casas da Circunscrição para uma jornada de reflexão. Observa os trabalhos da igreja paroquial em fase de avançada reconstrução e que será presumivelmente inaugurada em 24 de maio próximo.

Em Leópolis, na Ucrânia, participa da concelebração dominical em rito greco-bizantino presidida por Dom Sapelak, abençoa o terreno onde surgirá o Centro de formação profissional e visita a Casa destinada ao aspirantado e as presenças para católicos de rito latino. A visita à Ucrânia conclui-se em Odessa, onde encontra Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora do lugar e tem uma visão da situação das obras.

Transfere-se depois a Belarus. Em Smarhon, diante de uma grande afluência de povo, renovam a própria profissão vinte e dois jovens salesianos provenientes de cinco nações: Belarus, Lituânia, Rússia, Ucrânia, Geórgia. Continua a vi-

sita às nossas comunidades de Zuprany, Baruny e Lida.

A visita à Rússia tem início a partir da Sibéria, em Yakutsk, para onde convergem também os irmãos de Aldan. O Reitor-Mor passa o dia com eles e encontra amigos da obra nas celebrações eucarísticas. Abençoa o terreno onde terão início imediato os trabalhos para um centro juvenil e para a casa da Comunidade.

Retornando a Moscou, recebe no noviciado de Oktíabrskij as profissões de doze jovens que concluíam o noviciado. São as primeiras que se fazem neste noviciado: era esse o motivo principal da visita do Reitor-Mor. O programa continua com uma celebração, encontros e uma visita à Igreja da Imaculada de Moscou, e se conclui em Gatchina (São Petroburgo).

Durante a viagem o Reitor-Mor encontrou-se com três Núncios ou Delegados apostólicos e com os Bispos, avaliando com eles a situação política e pastoral (Minsk, Kiev, Moscou).

Retornando a Roma, preside em 8 de setembro à profissão temporária de sete *Voluntários Com Dom Bosco*, feita de forma privada na igreja da Casa Geral. À noite, na Basílica do Sagrado Coração, recebe as primei-

ras profissões salesianas dos jovens do noviciado de Lanuvio.

No dia 18 de setembro, juntamente com os Conselheiros presentes na sede, participa da abertura do CG XX das Filhas de Maria Auxiliadora em sua Casa Geral. Preside à Concelebração Eucarística e participa, com uma mensagem, do solene ato inaugural do acontecimento, que interessa a toda a Família Salesiana.

Finalmente, em 29 de setembro em Turim, entrega o Crucifixo missionário a 33 salesianos vindos de vinte Inspetorias dos cinco continentes.

4.2 Crônica do Conselho Geral

A primeira sessão “plenária” do Conselho Geral eleito pelo CG24 deu-se na Casa Geral de 14 de maio a 12 de julho de 1996. Uma sessão absorvente, com 37 reuniões plenárias, além dos tempos dedicados aos encontros de grupo ou comissão. Anteriormente, após as eleições, durante o mesmo Capítulo Geral, deram-se algumas reuniões para fixar datas de calendário, dar andamento a práticas vindas das Inspetorias, e também proceder à nomeação de um Inspetor — da

Lígre-Toscana — para o qual já estavam disponíveis os resultados da consulta inspetorial.

Concluído o CG24, depois de um breve período deixado aos Conselheiros como espaço de repouso e de preparação e também — onde se tornava necessário — para uma rápida passagem pelas Inspetorias, a sessão plenária teve início em 14 de maio, festa de Santa Maria Domingas Mazzarello.

O Reitor-Mor, introduzindo os trabalhos, ressaltava a sua importância, sendo a sessão destinada ao aprofundamento de algumas temáticas para o funcionamento do Conselho ao longo do sexênio e a traçar as primeiras linhas da programação. Acrescentava-se a estes objetivos a importante tarefa da nomeação de numerosos Inspetores, e a realização da chamada “ordinária administração”, relativa às práticas das Inspetorias (nomeações de membros dos Conselhos inspetoriais e de diretores, aberturas e ereções canônicas ou fechamento de casas e/ou atividades, práticas sobre irmãos e práticas econômico-administrativas).

Apresenta-se, em seguida, uma breve síntese dos principais argumentos tratados.

1. Nomeações de Inspetores

Como acenado anteriormente, tarefa importante do Conselho foi a nomeação de um bom número de Inspetores. O procedimento seguido foi o usual, já parte da praxe do Conselho: exame cuidadoso da consulta, sob a apresentação do Conselheiro regional; discernimento em sede de Conselho, acompanhado da troca de opiniões e da oração; votação sobre os candidatos assinalados.

Eis o elenco, em ordem alfabética, dos Inspetores nomeados no decorrer da sessão: Acosta Rodríguez Felipe para a Inspeção de Córdoba, Espanha; Bisio Enrique para a Inspeção do Uruguai; Bregolin Adriano para a Inspeção Vêneta Oeste de Verona, Itália; Churio Baquedano David para a Inspeção de Valência, Espanha; D'Souza Tony para a Inspeção de Bombaim, Índia; Gallardo Luis Felipe para a Inspeção México, México; Guerra Ibañez Jesús para a Inspeção de Madrid, Espanha; Masiero Bruno para a Inspeção da Venezuela; Murru Mario para a Inspeção do Oriente Médio; Sandrini Marcos para a Inspeção de Porto Alegre, Brasil; Valls i Ferrer Domènec para a Inspeção de Barcelona, Espanha; Winkler

Josef para a Inspeção de Campo Grande, Brasil. Durante o CG24 já fora nomeado Colajacomo Giorgio Inspetor da Lígure-Toscana, Itália. No n. 5.4 do presente número dos ACG apresentam-se alguns dados de cada Inspetor nomeado.

2. Impostação do trabalho de Conselho e primeiras linhas de programação

O compromisso maior e qualificador pedido pelo Reitor-Mor aos Conselheiros nesta sessão, e que ocupou a maior parte do tempo (em termos de reuniões plenárias e trabalhos de grupo), foi o que dizia respeito à impostação do trabalho do Conselho, em vista de uma maior eficácia animadora, concluído com a redação de algumas primeiras linhas principais da programação do sexênio. Para isso, o próprio Reitor-Mor prospectou no calendário de trabalhos, três sucessivas etapas, relacionadas entre si:

1. Reflexão sobre a estrutura e funcionamento do serviço da autoridade em nível mundial;
2. Estudo do documento do CG24;
3. Elementos de programação do sexênio, em dois níveis:
 - elementos de programação “comum”;

- elementos de programação para os setores e as regiões.

Vejamos em breve alguns dos principais aspectos de cada etapa.

2.1 Reflexão sobre a estrutura e o funcionamento do serviço da autoridade em nível mundial.

Introduzindo a reflexão deste ponto, o Reitor-Mor indicava como objetivo o estudo dos papéis e tarefas do Conselho Geral, seu funcionamento, coordenação interna e ligação com os demais organismos da Congregação. E isso não só para a funcionalidade operativa do próprio Conselho, mas para colher em profundidade o significado que ele tem na e para a Congregação, assumindo e vivendo também as atitudes espirituais inerentes. É claro que a referência fundamental para esse estudo foi dada pelas Constituições e Regulamentos gerais. Mas foi também importante apelar à práxis da Congregação e às exigências específicas do sexênio.

Tendo esses objetivos sob os olhos e tendo presentes as referências indicadas, o Conselho Geral — após prévio exame em dois grupos de estudo — aprofundou os aspectos principais da estrutura e funcionamento e do serviço de autoridade em nível

mundial, chegando a algumas indicações que poderão constituir a base de uma espécie de *vade-mecum* para o trabalho do sexênio.

Os vários aspectos aos poucos desenvolvidos dizem respeito aos:

- Princípios, critérios e atitudes deduzidos dos art. 120-124 das Constituições (serviço do carisma e da missão e serviço da unidade na diversidade; em comunhão e na dependência do Reitor-Mor; no espírito de Dom Bosco);
- Aspectos relativos especificamente ao serviço de unidade do Reitor-Mor;
- Alguns critérios de trabalho, próprios do Conselho, e critérios sobre as relações entre os Conselheiro;
- Aspectos específicos do serviço dos Conselheiros regionais; estruturas regionais e inter-inspetoriais;
- Visitas extraordinárias e visitas de conjunto;
- Um aceno ao papel do Secretário geral e do Procurador geral.

2.2 Estudo do documento do CG24

Visando a programação do sexênio, achou-se importante fazer uma reflexão — em sede

de Conselho Geral — do documento do CG24, que certamente representa o ponto de referência mais imediato para a programação. O estudo do documento, como sublinhava o Reitor-Mor não tinha, nesta fase, o objetivo de individualizar estratégias de atuação dos empenhos capitulares (objetivo que seria enfrentado na fase sucessiva), quanto de adquirir a compreensão mais cuidadosa e profunda possível do documento e de seus vários aspectos, em relação tanto ao que foi pedido ao mesmo Conselho Geral como à animação das Inspetorias e comunidades da Congregação.

Alinhado a esses objetivos, o Conselho — baseado também no prévio estudo de um grupo — refletiu sobre os seguintes principais aspectos:

1° Alguns *elementos a serem aprofundados*, segundo as indicações do documento:

- A eclesiologia de comunhão;
- A espiritualidade salesiana;
- A comunidade salesiana e seus compromissos no horizonte do CG24;
- O Movimento Salesiano.

2° Alguns *elementos tidos como prioritários* em vista da programação:

- A formação;

- Caminhos práticos e processos operativos para a atuação do Capítulo, nos vários níveis (sublinha-se a importância de uma “mentalidade de projeto”);
- A comunicação.

A reflexão levou à assimilação mais completa e mais convicta do documento, sobretudo em vista da ação de governo.

2.3. *Elementos de programação do sexênio*

Baseado no que surgiu da reflexão sobre o serviço de autoridade e do estudo do documento do CG24, o Conselho Geral empenhou-se em traçar algumas primeiras linhas fundamentais da programação de ação do sexênio. O objetivo proposto era individualizar os conteúdos principais da programação, chegando a uma primeira redação essencial.

O trabalho articulou-se em duas fases sucessivas:

a. *Elementos de programação “comum”*, que devem permear os documentos programáticos particulares de cada setor.

Como primeiro passo importante, foram individualizados quatro núcleos principais:

1. A realização do CG24: relação Salesianos SDB-Leigos;

2. A significatividade da presença salesiana nos diversos contextos e nas diferentes atividades;
3. As comunidades SDB e sua tarefa primária de ser e agir como “núcleo animador”;
4. A formação: no sentido de adequar a qualidade do salesiano às necessidades da cultura atual e dos diferentes contextos culturais.

b. Elementos de programação para cada setor e regiões.

Para cada setor de atividades (formação, pastoral juvenil, família salesiana, comunicação social, missões, economia) como para cada “região” estabelecida pelo Capítulo Geral foram individualizadas algumas linhas de programação. Partindo do conhecimento e do estado do setor ou região, em geral e em ordem às prioridades do sexênio, foram indicadas as áreas prioritárias para o trabalho de animação, as modalidades adequadas de trabalho, as pessoas empenhadas e o funcionamento dos organismos de animação.

Foi feito um aceno também às áreas de empenho do Vigário do Reitor-Mor e da Secretaria Geral.

Concluindo o conjunto do trabalho nesta primeira fase da

programação, o Reitor-Mor sublinhou como ele levou antes de tudo ao aprofundamento do papel de animação do Conselho Geral e à aquisição de uma dinâmica de trabalho, baseada em princípios de discernimento. Partilhou-se o esforço pela unidade (ideal e funcional) e estabeleceram-se relações fraternas de comunicação e de participação como metodologia de trabalho. As linhas de programação traçadas constituem uma primeira substancial redação, que será retomada e definida na próxima sessão.

3. Outros assuntos tratados

Outros assuntos foram objeto de estudo por parte do Conselho Geral no curso desta sessão. Entre eles são de relevo particular os seguintes:

3.1. Reflexão sobre a Exortação “Vita consecrata”.

A Exortação Apostólica *Vita consecrata*, promulgada durante o CG24, foi um fato “relevante e significativo” — como notava o mesmo Reitor-Mor no discurso conclusivo — inserido nos trabalhos do Capítulo “como um estímulo para compreender cada vez melhor a nossa vocação específica na Igreja, o dom do carisma que nos foi dado por in-

termédio do Fundador, os grandes horizontes que hoje estão abertos na Igreja e no mundo para nós consagrados apóstolos” (cf. CG24, 228). A Exortação ilumina também o esforço de atuação das orientações capitulares.

Justamente por isso o Reitor-Mor quis que os Conselheiros dedicassem um pouco de tempo à reflexão e aprofundamento do documento pontifício, na ótica da programação do sexênio, interrogando-se especialmente sobre os aspectos que se relacionam mais de perto com o nosso carisma e a nossa missão e, portanto, a serem evidenciados particularmente na animação das comunidades. Nessa linha, os Conselheiros deram também algumas sugestões ao Reitor-Mor para a comunicação à Congregação.

3.2 Tarefas específicas do Conselheiro regional para a África e Madagascar.

Em relação à deliberação com que o CG24, constituindo o grupo “África-Madagascar”, confiava ao Reitor-Mor com o seu Conselho “precisar as responsabilidades do Regional na coordenação das outras presenças salesianas na África” (cf. CG24, 194), o Conselho Geral, partindo da atual situação das

presenças salesianas naquele Continente, fez um estudo sobre o caminho feito — sobretudo no último sexênio — quanto ao desenvolvimento e coordenação do Projeto África, conforme as orientações do CG23 (cf. CG23, 310), e as perspectivas em breve e médio termos.

O Conselho Geral chegou assim a delinear o papel e as competências do Regional em relação às presenças e aos irmãos salesianos que atuam na região África-Madagascar, em ligação com os demais membros do Conselho Geral interessados. O Reitor-Mor promulgou as diretrizes emersas com o documento publicado no n. 3 (Disposições e Normas) do presente número dos ACG.

3.3 Reconhecimento de pertença à Família Salesiana do Instituto das Filhas da Realidade de Maria Imaculada.

Acolhendo o pedido feito há tempo pela Superiora geral do Instituto das Filhas da Realidade de Maria Imaculada, com sede em Bancoque, Tailândia, o Conselho Geral — baseado também no estudo feito pelo Dicastério da Família Salesiana — deu o próprio parecer favorável em conformidade com os critérios estabelecidos a seu tempo para

o reconhecimento de pertença à Família Salesiana. O Sucessor de Dom Bosco como Pai da Família, com carta à Dirigente Geral de 18 de julho de 1996 reconheceu oficialmente a pertença (cf. n. 5.2).

4. Peregrinação aos lugares das origens salesianas

Momento particularmente significativo da sessão foi a peregrinação, que o Reitor-Mor e o Conselho quiseram fazer para receber luz e força na caminhada do sexênio pelo contato vivo com os lugares onde nasceu e se desenvolveu o nosso carisma.

Os três dias de peregrinação (tirando dois meios dias para a viagem) concentraram-se nos três lugares mais significativos:

– *Castelnuovo e Colle Don Bosco* (domingo, 16 de junho), com solene celebração no Templo e visita aos lugares do nascimento e infância de Dom Bosco (explicados pelo P. Natale Cerrato); significativa, na primeira parte da manhã, a manifestação na praça de Castelnuovo Don Bosco, onde o Prefeito da cidade conferiu a cidadania honorária ao P. Juan E. Vecchi, VIII Sucessor de Dom Bosco;

– *Oratório de Turim – Valdocco* (segunda-feira, 17 de junho), lugar onde Dom Bosco — inspirado pela Auxiliadora — levou à maturidade o carisma, fundando a Congregação, e de onde irradiou-se no mundo; a visita matutina aos lugares de Dom Bosco, ilustrados pelo P. Terésio Bosco, foi coroada com a celebração vespertina na Basílica de Maria Auxiliadora, com os irmãos e a Família Salesiana, ao final da qual o Reitor-Mor — após oração no altar de Dom Bosco — assinou o texto da *Estréia* para 1997;

– *Nizza Monferrato* (terça-feira, 18 de junho, pela manhã) e *Mornese* (18 de junho, à tarde), lugares de Madre Mazzarello, visitados e interiorizados com a ajuda da Inspetora de Nizza, Ir. Carla Castellino (pela manhã) e da Ir. Erta Cigolla (em Mornese, à tarde). A etapa de Mornese foi concluída com a celebração, presentes as FMA das duas comunidades, na manhã de 19, no Templo de S. Maria Domingas Mazzarello, antes do retorno a Roma.

Muito fraterno, na viagem de retorno, o encontro para o almoço com irmãos, irmãs e amigos na casa salesiana de Pisa.

5.1 Estréia do Reitor-Mor para 1997

Publicamos o texto da Estréia do Reitor-Mor para 1997, que se insere na etapa de preparação do Jubileu do ano 2000, indicada por João Paulo II para 1997 na Carta Apostólica "Tertio millenio adveniente".

Este é o texto:

COM O OLHAR FIXO EM
JESUS, PRIMOGÊNITO DE
MUITOS IRMÃOS,
AJUDEMOS OS JOVENS A
ACOLHÊ-LO NA FÉ
(cf. *Hb* 12,2)

5.2 Reconhecimento de pertença à Família Salesiana do Instituto das Filhas da Realeza de Maria Imaculada

Apresenta-se a carta enviada pelo Reitor-Mor à Dirigente Geral do Instituto das Filhas da Realeza de Maria Imaculada, com sed em Bancoque (Tailândia), com que comunica o reconhecimento de

pertença do Instituto à Família Salesiana.

Prot. n. 96/1025.1

Gent.ma
Dirigente Geral
Maria Chanthawarodom, DQM
Bancoque

Gentilíssima Irmã,

tenho a alegria de poder comunicar-lhe que, em 12 de julho de 1996, durante a reunião do Conselho Geral, foi levado em consideração o pedido encaminhado pela Senhora, em nome do Instituto, visando o seu reconhecimento de *pertença à Família Salesiana*.

Os Conselheiros deram o próprio parecer favorável.

Pessoalmente, "como sucessor de Dom Bosco, pai e centro de unidade da Família Salesiana" (Const. SDB, art. 126), acolho a orientação dos Conselheiros e participo-lhe, por primeiro, e também a todos os Grupos da Família, o *reconhecimento*.

Chegamos a essa decisão percorrendo uma longa história.

Antecedentes

Já numa carta de 1.1.1977, o P. Carlo della Torre, exprimiam-se solicitando que o Instituto fundado por ele fosse unido à Família Salesiana.

O mesmo Fundador, na correspondência com o primeiro Conselheiro geral dos Salesianos encarregado do setor da Família Salesiana, escrevia: “Creio que já seja um ponto pacífico a pertença do Instituto da Realeza de Maria Imaculada à Família Salesiana..., mas seria mais agradável para nós se existisse um documento oficial do Reitor-Mor da Congregação salesiana que o declarasse. É certo que o nosso Instituto deseja ter o reconhecimento de pertença à Família Salesiana; assim a nossa ligação será mais forte” (2.4.1981, carta ao P. Giovanni Raineri).

O último pedido que a Senhora mesma enviou ao Reitor-Mor dos Salesianos traz a data de 23 de dezembro de 1994.

As situações vividas pela Congregação nos últimos dois anos obrigaram-nos a retardar o reconhecimento. Admiramos, porém, a constância com que o Instituto fez ouvir o desejo de

pertença, na convicção de que o gesto formal teria dado ulterior estímulo para reencontrar a raiz salesiana de sua vocação.

O primeiro reconhecimento

O presente atestado é o primeiro, para mim, na qualidade de Reitor-Mor eleito no Capítulo Geral 24.

Voltam-me à mente as conversas e aprofundamentos da assembléia capitular sobre o tema dos “*Leigos*”. Os Institutos seculares tiveram a sua ideal e significativa presença durante nossos trabalhos; indiretamente, também o Instituto da Realeza de Maria Imaculada estava presente em nossas perspectivas de dilatação do espírito de Dom Bosco, pela presença de leigos e profissionais.

Um segundo motivo tornou, de algum modo, presente, o Instituto em nossas reflexões: falando sobre os Leigos, fez-se freqüente referência ao contexto particular de pluriculturas e plurirreligiões.

O vosso Instituto vive estas experiências desde sua fundação. Fazendo, então, parte da Família de Dom Bosco, sois chamadas também a saber oferecer aos demais Grupos aquela contribuição de pensamento e ação que facilite a atividade e o

apostolado em ambientes particularmente difíceis.

Dom Bosco oriente ainda a atividade, o incremento e o empenho apostólico do Instituto. Como seu sucessor sinto-me ligado a quanto realizareis.

Conteúdos do reconhecimento

Muitos são os elementos que ligam o Instituto a Dom Bosco.

Agrada-me apresentar alguns deles para sublinhar a importância e o comum empenho de desenvolvimento:

1º EMPENHO PELOS JOVENS

É a participação mais significativa na Família de Dom Bosco, porque capaz de recolher numa unidade as forças de todos para o bem dos destinatários jovens.

Escreveis nas Constituições, artigo 4: *“O Instituto Filhas da Realza de Maria Imaculada foi fundado com a finalidade de renovar e estender o Reino de Deus com a oração e com variadas formas de atividades na sociedade sob a proteção de Maria Rainha Imaculada.*

Esta missão visa a gente pagã e cristã, em particular a juventude, especialmente os mais pobres, em colaboração com a Igreja local”.

E no artigo 45: *“A pastoral juvenil como obra particular atraída à atenção do Fundador... trabalho de educação da juventude... Além disso o Instituto conserva o empenho de iniciar qualquer nova atividade para promover eficazmente a educação da juventude, isto é, oratório, centro profissional e outras atividades para ajudar os jovens tanto de modo direto como indireto”.*

2º ESPÍRITO SALESIANO

O espírito de Dom Bosco, vivido pelos diferentes Grupos, constitui a alma da Família Salesiana. O cuidado dele e o seu cultivo garantem a riqueza da Família.

“Durante a revisão das Constituições, o Instituto tomou consciência mais clara do patrimônio salesiano transmitido pelo Fundador, e estudou mais profundamente as características do espírito salesiano, inerentes ao nosso carisma”. Assim escrevíeis nos documentos que recolhem a caminhada do Instituto. E nessa estrada se deve continuar, para enriquecer-se e enriquecer os outros, que convosco partilham preocupações educativas e apostólicas do espírito salesiano.

Leio com satisfação: *“O ministério do Reitor-Mor dos Sale-*

sianos e de seus representantes ajudarão as Irmãs a viverem o espírito salesiano mais intensamente e a aprofundá-lo como queria o seu Fundador”.

3º SISTEMA PREVENTIVO

“Acolhemos o Sistema Preventivo com gratidão e amor por Dom Bosco, tomando-o como mestre e modelo de apostolado” (cf. Constituições, art. 46).

Dom Bosco permanece para nós todos, que participamos de sua Família espiritual, a referência concreta do modo de agir com a juventude e com os adultos, para sermos eficazes nas propostas de crescimento humano e cristão.

Um instrumento para crescer como Família: a Carta de Comunhão

Quis trazer os três elementos para indicar a responsabilidade comum e a participação compartilhada entre todos os Grupos no crescimento do patrimônio que recebemos.

Hoje a CARTA DE COMUNHÃO recorda os aspectos básicos da Família:

- os aspectos espirituais
- os aspectos apostólicos
- os aspectos educativos
- os aspectos organizativos.

A leitura e o estudo do último documento que nos foi dado pelo P. Egidio Viganó, quase como seu testemunho da Família Salesiana, ajudarão a crescer na comunhão e na fraternidade.

Asseguro-lhe a minha lembrança na oração.

Roma, 18 de julho de 1996.

P. Juan E. Vecchi
Reitor-Mor dos Salesianos

5.3 O novo Conselho Geral

O Capítulo Geral 24, nas eleições realizadas respectivamente nos dias 18 de março de 1996 (para o Reitor-Mor), 21-23 de março (para o Vigário e os Conselheiros de setores) e 2 de abril (para os Conselheiros regionais), elegeu o novo Conselho Geral para o sexênio 1996-2002.

Apresenta-se aqui, para documentação oficial, a composição do Conselho:

P. Juan E. VECCHI
Reitor-Mor

P. Luc VAN LOOY
Vigário do Reitor-Mor

P. Giuseppe NICOLUSSI
Conselheiro para a Formação

P. Antoni DOMENECH i
COROMINAS

Conselheiro para a Pastoral Juvenil

P. Antonio MARTINELLI
Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

P. Luciano ODORICO
Conselheiro para as Missões

P. Giovanni MAZZALI
Ecônomo Geral

P. Helvécio BARUFFI
Conselheiro para a Região América Latina Cone Sul

P. Pascual CHAVES
VILLANUEVA
Conselheiro para a Região Interamérica

P. Joaquim D'SOUZA
Conselheiro para a Região Austrália-Ásia

P. Giovanni FEDRIGOTTI
Conselheiro para a Região Itália e Oriente Médio

P. Filiberto RODRÍGUEZ
MARTIN
Conselheiro para a Região Europa Leste

P. Antonio RODRIGUEZ
TALLON
Conselheiro para a Região África e Madagascar

P. Albert VAN HECKE
Conselheiro para a Região Europa Norte

Secretário do Conselho continua
o P. Francesco MARACCANI.

Transcrevem-se em seguida alguns dados sobre os Conselheiros que entram pela primeira vez no Conselho Geral.

1. *P. DOMENECH i*
COROMINAS Antoni,
Conselheiro para a Pastoral Juvenil.

Nascido em Barcelona, Espanha, em 12 de abril de 1943, freqüentou a escola salesiana de Barcelona, de onde — acolhendo o chamado do Senhor — passou ao noviciado de Arbós. Aí, ao final do ano, emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1959.

Completados os estudos filosóficos e feito o tirocínio prático, freqüentou o curso teológico em Salamanca, onde licenciou-se em Teologia e foi ordenado presbítero em 1º de março de 1969.

Docente e formador, foi diretor em Sant Adrià del Besós de 1976 a 1982 e, ao mesmo tempo, Conselheiro inspetorial; em 1982 foi nomeado diretor do estudantado teológico de Martí Codolar, até 1988. Permaneceu em seguida na mesma comunidade como professor e formador sendo, ao mesmo tempo, membro do Conselho inspetorial e Delegado inspetorial da Pastoral Juvenil. Participou como de-

legado dos Capítulos Gerais 21 e 23. Em 10 de junho de 1994 foi nomeado Inspetor da Inspetoria “N.S. das Mercês” de Barcelona.

Agora, o CG24, em 22 de março de 1996, elegeu-o Conselheiro geral para a Pastoral Juvenil.

2. *P. MAZZALI Giovanni, Ecônomo Geral.*

Giovanni Mazzali nasceu em Turim em 1º de fevereiro de 1947. Aluno do aspirantado salesiano de Ivreia, amadureceu a vocação na seqüela de Dom Bosco, passando depois ao noviciado de Villa Moglia, onde em 16 de agosto de 1964 emitiu a primeira profissão religiosa. Após os estudos filosófico-pedagógicos e a prova prática do tirocínio, frequentou o curso teológico em Maynooth, Irlanda, e foi ordenado presbítero em 7 de dezembro de 1974 (em Cumiana).

Conseguida a licença em Teologia e a láurea em línguas, com habilitação para o ensino, foi docente e educador por vários anos nas casas da Inspetoria Central. Transferido à Inspetoria Ligure-Toscana, foi para Alassio como professor na escola superior e depois — a partir de 1987 — como diretor. Em 18 de maio de 1990 o Reitor-Mor com o seu Conselho nomeou-o

Inspetor dessa Inspetoria Ligure-Toscana.

Agora o CG24, em 23 de março de 1996, elegeu-o Ecônomo Geral.

3. *P. BARUFFI Helvécio, Conselheiro para a Região América Latina Cone Sul.*

Helvécio Baruffi nasceu em 18 de julho de 1944 em Luís Alves, estado de Santa Catarina, Brasil. Atraído pela vocação salesiana, fez o noviciado na casa de Taquari, ao final do qual emitiu a primeira profissão em 31 de janeiro de 1964.

Após os estudos filosóficos e a prova do tirocínio, frequentou o curso teológico em São Paulo, Brasil, ao final do qual conseguiu a licença em Teologia. Em 30 de dezembro de 1973 era ordenado sacerdote em Massaranduba. Nos anos seguintes conseguiu também a licença em Letras e Filosofia. Em seguida, foi à UPS para frequentar o curso de espiritualidade.

Na Inspetoria de Porto Alegre, P. Baruffi teve vários empenhos de responsabilidade. Em 1977 foi nomeado diretor de Ponta Grossa e três anos depois, foi-lhe confiado o encargo de Mestre dos noviços, encargo que ocupou até 1989, quando foi feito diretor de Viamão. A partir de

1984 foi também Conselheiro inspetorial. Em 30 de outubro de 1990 foi chamado — pelo Reitor-Mor com o seu Conselho — à guia da Inspeção de Porto Alegre, como Inspetor.

Agora o CG24 elegeu-o Conselheiro regional para a América Latina Cone Sul.

4. P. CHÁVEZ VILLANUEVA

Pascual, Conselheiro para a Região Interamérica.

Nascido em 14 de dezembro de 1947 em Catorce, Província de San Luis Potosí (México), Pascual Chávez entrou com 11 anos no colégio de Saltillo, de onde passou ao noviciado de Coacalco. Concluído o ano de prova, emitiu a primeira profissão salesiana em 16 de agosto de 1964.

Após os estudos filosóficos e o tirocínio prático, seguiu o curso de Teologia em Guadalajara, concluído com a ordenação presbiteral em 8 de dezembro de 1973.

Enviado a Roma para continuar os estudos, conseguiu a licença em Sagrada Escritura junto ao Pontifício Instituto Bíblico. Retornou em seguida à pátria, onde foi-lhe confiado o encargo de professor de S. Escritura no estudantado teológico de Tlaquepaque, do qual tornou-se

também diretor em 1980. Membro do Conselho inspetorial desde 1986, em 1989 foi chamado a guiar como Inspetor a Inspeção de Guadalajara, encargo que desenvolveu por um sexênio.

Quando chegou-lhe a notícia da eleição para Conselheiro regional por parte do CG24, encontrava-se na Espanha para concluir os estudos em Sagrada Escritura com o doutorado.

5. D'SOUZA Joaquim, Conselheiro para a Região Austrália-Ásia.

Joaquim D'Souza nasceu em Parel, Bombaim, em 22 de março de 1945 e é salesiano desde 24 de maio de 1963, quando emitiu a primeira profissão religiosa em Yercaud, na conclusão do ano de noviciado.

Depois do pós-noviciado e da primeira experiência salesiana, no tirocínio prático, esteve em Roma, junto ao Pontifício Ateneu Salesiano, para frequentar os estudos filosófico-teológicos, que concluiu depois em Poona, em sua Pátria. Foi ordenado presbítero em 19 de junho de 1975 em Bombaim, na casa salesiana de Matunga.

Chamado a empenhar-se na formação dos jovens irmãos, foram-lhe logo confiadas tarefas diretivas. Em 1980 foi nomeado

diretor de Poona, Koregaon Park, e em 1984 diretor do estudantado filosófico em Nashik. Conselheiro inspetorial desde 1982, os Superiores elegeram-no Vigário do Inspetor, encargo que desenvolveu até a nomeação como Inspetor, acontecida em 30 de novembro de 1993. No mesmo período foi também Diretor da Casa inspetorial. Em 1990 participou do CG23 como delegado.

Agora, o CG24 elegeu-o Conselheiro regional para a Austrália-Ásia.

6. P. RODRÍGUEZ MARTIN
Filiberto, Conselheiro para a Região Europa Leste.

Filiberto Rodríguez nasceu em Valsalabroso (Salamanca) em 8 de dezembro de 1942, último de vários irmãos e irmãs. Entre estes a irmã mais velha é Filha da Caridade, uma outra é Filha de Maria Auxiliadora e três dos irmãos são salesianos (um já falecido).

Entrando no aspirantado de Astudillo, fez seus estudos e, admitido ao noviciado, feito no mesmo lugar, emitiu a primeira profissão salesiana em 16 de agosto de 1960.

Após os estudos filosóficos e o tirocínio prático, freqüentou o curso de teologia em Salamanca

e foi ordenado sacerdote em 22 de fevereiro de 1970.

Ordenado padre, dedicou-se ao ensino e à animação pastoral nas casas de Oviedo e Orense. Completou ao mesmo tempo seus estudos civis, conseguindo a licença em Ciências Químicas junto à Universidade de Oviedo.

Em 1976 foi-lhe confiado o encargo de diretor do aspirantado de León-Armunia. Mas, apenas um ano depois, em 1977, foi chamado a assumir o encargo de Ecônomo inspetorial, que realizou com competência até à nomeação para Inspetor, em 12 de julho de 1988. Concluído o sexênio como Inspetor, era diretor da casa de Orense desde 1994.

Agora o CG24 elegeu-o Conselheiro Regional para a Europa Leste.

7. P. VAN HECKE Albert, Conselheiro para a Região Europa Norte.

Nascido em 1º de setembro de 1941 em Sleiding (Bélgica), Albert Van Hecke foi aluno da escola salesiana de Sint-Denijs-Westrem, de onde passou ao noviciado de Groot-Bijgaarden, ao final do qual emitiu a primeira profissão religiosa em 25 de agosto de 1942. Concluiu o itinerário formativo e as primeiras

experiências salesianas com a ordenação presbiteral em Oud-Heverlee em 12 de setembro de 1970.

Concluídos os cursos de Ciências morais e religiosas junto à Universidade de Leuven, dedicou-se à missão de educador. Em 1986 foi nomeado diretor da casa de Hechtel e em 1989 foi transferido à guia da grande obra salesiana de Sint-Denijs-Westrem. Membro do Conselho inspetorial de Brussel desde 1984, foi nomeado Inspetor da mesma Inspetoria em 1990.

Agora o CG24 elegeu-o Conselheiro regional para a Europa Norte.

5.4 Novos Inspetores

Apresentam-se aqui alguns dados sobre os novos Inspetores, nomeados na sessão dezembro '95 - janeiro '96 e na sessão de maio-julho 1996, depois do Capítulo Geral 24. Os Inspetores são indicados em ordem alfabética.

1. *P. ACOSTA RODRIGUEZ* *Felipe, inspetor de CÓRDOBA, Espanha.*

Para suceder ao P. Eusebio Muñoz na orientação da Inspetoria "São Domingos Sávio" com sede em Córdoba, Espanha, foi

nomeado o *P. Felipe ACOSTA RODRIGUEZ*.

Nascido em La Orotava (Tenerife) em 21 de junho de 1940, freqüentou a escola salesiana na cidade natal e, depois do noviciado, emitiu a primeira profissão salesiana em San José del Valle em 16 de agosto de 1956. Em seguida, após os estudos filosóficos e o tirocínio prático, freqüentou o curso de teologia em Sevilha e foi ordenado presbítero em Sanlúcar la Mayor em 30 de abril de 1967.

Além dos títulos civis para o ensino, conseguiu em seguida a Licença em Ciências da Educação junto à Universidade Pontifícia Salesiana de Roma.

Foi logo chamado a tarefas de responsabilidade. De 1972 a 1976 foi diretor da casa de Ubeda; em seguida, de 1976 a 1979, de Córdoba-Colegio e, depois, de Granada-Cartuja (1982-1987). De 1987 a 1990 dirigiu a comunidade de Málaga e sucessivamente a de Las Palmas de Gran Canaria (1990-1993). Em 1993 foi-lhe novamente confiada a direção de Granada-Cartuja (pós-noviciado). Foi Conselheiro inspetorial em vários períodos (1978-1981, 1984-1987, 1993-1996).

2. *P. BISIO ENRIQUE, inspetor do URUGUAI.*

Para o governo da Inspeção do Uruguai, na conclusão do sexênio de Amilcar Visentini, foi nomeado o *P. Enrique BISIO*.

Ele nasceu em 9 de setembro de 1943 em Salto (Uruguai) onde amadureceu a própria vocação frequentando a escola salesiana. Feito o noviciado em Montevideu-Manga, emitiu a primeira profissão em 29 de janeiro de 1963. Em seguida, depois dos estudos filosófico-teológicos e o tirocínio prático, frequentou o curso teológico em Montevideu, coroando-o com a ordenação sacerdotal em sua cidade natal em 27 de outubro de 1973.

Depois dos primeiros compromissos educativo-pastorais, foi nomeado em 1978 diretor da casa de Mercedes e em 1980 da de Salto de onde, em 1983, passou ao aspirantado de Montevideu. Em 1984 foi eleito também membro do Conselho inspetorial. Desde 1989 era diretor e mestre dos noviços na casa de noviciado de Montevideu.

3. *P. BREGOLIN Adriano, inspetor de VERONA, Itália.*

O novo Inspetor da Inspeção "San Zeno" (Vêneta Oeste), com sede em Verona, é o *P.*

Adriano BREGOLIN, que sucede ao *P. Gianantonio Bonato* ao final do sexênio.

Adriano Bregolin nasceu em Pegolotte-Cona (Veneza) em 16 de outubro de 1948. Frequentou o aspirantado salesiano de Bevilacqua e, atraído pela vocação salesiana, passou ao noviciado de Albarè (Verona), onde emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1966.

Completados os estudos de filosofia e pedagogia no pós-noviciado de Cison di Valmarino e feito o tirocínio prático, frequentou o curso teológico no estudantado salesiano de Verona-Saval, concluído em Trento, onde foi ordenado sacerdote em 27 de maio de 1978. Continuou depois os estudos acadêmicos conseguindo a láurea em Letras modernas.

Em Trento fez as primeiras experiências sacerdotais, na casa salesiana de orientação vocacional, da qual em 1983 foi nomeado Diretor. Em 1986 passou a fazer parte do Conselho inspetorial como Conselheiro, até 1988, quando foi nomeado Vigário do Inspetor, cargo que ocupou por um triênio. De 1988 a 1994 foi também diretor da importante casa "Dom Bosco" de Verona. Em 1990 participou do CG23 como delegado da Inspeção. Ultimamente era Vigário

local, na casa salesiana de Pádua. Ali encontrou-o a nomeação para Inspetor.

4. P. CHURIO BAQUEDANO

David, inspetor de Valência, Espanha.

P. David CHURIO BAQUEDANO é o novo Inspetor da Inspeção "São José" com sede em Valência, Espanha. Ele sucede ao P. Cláudio Orduna, no final do sexênio.

David Churio é originário de Navarra, tendo nascido em Oricaín em 29 de dezembro de 1935. Aluno do colégio salesiano de Pamplona, sentiu o chamado à vida salesiana e, após o noviciado em Arbós, emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1952.

Depois dos estudos de filosofia e do tirocínio prático, seguiu o curso teológico em Barcelona, onde foi ordenado presbítero em 29 de abril de 1962. Além da licença em Teologia, obteve também o título de Mestre para o ensino na escola.

Empenhado no ensino e na animação pastoral, foi chamado pelos Superiores a cobrir alguns encargos diretivos. Após ter sido diretor em Villena de 1969 a 1972 foi nomeado Vigário do Inspetor, cargo que ocupou por um sexênio (1972-1977). Em segui-

da foi ainda Conselheiro inspetorial (1977-1983) e diretor em diversas casas: Valência-Sagunto (1978-1984), Burriana-Aspirantado (1984-1985), Valência-San Vicente Ferrer (1985-1988), Valência-San Antonio (pós-noviciado) (1988-1994). Desde 1995 era diretor de Villena: aqui encontrou-o a nomeação para Inspetor.

5. P. COLAJACOMO Giorgio, *inspetor da LÍGURE- TOSCANA, Itália.*

Foi nomeado — durante o CG24 — para guiar a Inspeção Ligure-Toscana, com sede em Gênova-Sampierdarena, o P. Giorgio COLAJACOMO. Ele sucede ao P. Giovanni Mazzali, eleito Ecônomo geral pelo Capítulo Geral.

Giorgio Colajacomo nasceu em Gênova-Sampierdarena em 31 de julho de 1940 e tornou-se salesiano, depois do noviciado de Pietrasanta (LU), com a primeira profissão emitida em 15 de outubro de 1958. Realizados, em seguida, os estudos filosóficos e feito o tirocínio prático, frequentou o Pontifício Ateneu Salesiano — primeiro na sede em Turim e depois em Roma — para o curso teológico, obtendo a licença em Teologia. Em Roma foi ordenado presbítero em 5 de mar-

ço de 1966. Concluiu depois os estudos civis com a láurea em Letras, Didática e Pedagogia.

Teve por vários anos a tarefa de professor e educador. Em 1978 foi nomeado diretor da casa de Livorno, cargo que ocupou por um triênio, até 1981, quando os Superiores o destinaram a Turim, com um encargo junto à Società Editrice Internazionale (da qual foi também diretor editorial).

Retornando à Inspetoria, depois de um ano passado em Gênova-Sampierdarena em 1992, foi chamado a suceder o P. Giovanni Mazzali como diretor da casa de Alassio. Agora sucede-o como Inspetor.

6. *P. DEMMING Georg, inspetor de COLÔNIA, Alemanha.*

P. Georg DEMMING foi confirmado para mais um sexênio no governo da Inspetoria "São Bonifácio", com sede em Colônia, Alemanha. Recebeu a nomeação para um primeiro sexênio nesse cargo em 16 de maio de 1990. Agora, depois de seis anos de trabalho, foi reeleito em base à consulta inspetorial (*para seus dados pessoais, cf. ACG 334*).

7. *P. D'SOUZA Tony, inspetor de BOMBAIM, Índia.*

Para suceder ao P. Joaquim D'Souza, nomeado Conselheiro

Regional para a Austrália e Ásia, na orientação da Inspetoria de Bombaim (Índia) foi eleito o P. *Tony D'SOUZA* que já ocupava o cargo de Inspetor no sexênio 1976-1982.

Nascido em Bombaim em 25 de janeiro de 1943, foi aluno do aspirantado de Tirupattur, de onde passou ao noviciado de Yercaud, ao final do qual emitiu a primeira profissão salesiana em 24 de maio de 1961. Seguiram-se os estudos filosófico-pedagógicos na mesma casa de Yercaud e depois o noviciado prático. Concluído o curso teológico, feito no estudantado salesiano de Bangalore, foi ordenado presbítero em Bombaim em 19 de dezembro de 1970.

Foram-lhe logo confiados encargos de responsabilidade. Diretor no aspirantado de Lonavla no ano 1974-75, foi nomeado no final de '74 Vigário Inspetorial e, após dois anos foi-lhe confiada, em 1976, a responsabilidade de guiar a Inspetoria como Inspetor.

Ao final do sexênio como Inspetor partiu para Nairobi, Quênia, como Delegado do Inspetor para a Delegação da África Leste, que agrupava as presenças salesianas confiadas às Inspetorias da Índia, juridicamente dependentes de Bombaim. Realizou o serviço de Dele-

gado cuidando do desenvolvimento e da consolidação das presenças salesianas, até quando a Delegação foi constituída Visitadoria autônoma. Após um ano no centro de formação de Berkeley, USA, retornou ao Quênia como diretor de Nairobi-Karen e Conselheiro da Visitadoria.

Voltando à Inspetoria de Bombaim em 1992, foi sucessivamente diretor em Pune-Koregaon Park e em Panjim (Goa). Aqui encontrou-o a nova nomeação como Inspetor.

8. *P. GALLARDO Luis Felipe, inspetor de MÉXICO, México.*

P. Luis Felipe GALLARDO MARTIN DEL CAMPO é o novo Inspetor da Inspetoria da cidade do México, que sucede ao P. Francisco José Altamirano, ao final do sexênio. Luis Felipe Gallardo já foi Inspetor dessa Inspetoria de 1980 a 1986.

Nascido em Irapuato, estado de Guanajuato (México), em 12 de dezembro de 1941, entrou com dez anos no colégio salesiano de San Pedro Tlaquepaque e aí estudou até 1957, quando foi admitido ao noviciado de Coacalco, onde emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1958. Depois dos estudos filosóficos (1958-1961) e do tirocínio

prático, foi enviado a Turim para os estudos de teologia, junto ao Pontifício Ateneu Salesiano, completados em Roma, obtendo a licença em Teologia e recebendo a ordenação presbiteral em 22 de dezembro de 1967.

Retornando à Inspetoria, foi diretor e mestre de noviços em Coacalco (1972-1975). Em 1973 foi nomeado Conselheiro inspetorial e em 1980 foi-lhe confiada a orientação da Inspetoria como Inspetor.

Concluído o sexênio de Inspetor, foi novamente diretor no noviciado de Coacalco (1986-1989), depois em México-Dom Bosco (1989-1990). Em 1990 foi enviado para dirigir a comunidade formadora dos estudantes de teologia em Tlaquepaque até 1995 quando foi nomeado diretor de Tehuacán, Pue. Aqui encontrou-o a nova nomeação para Inspetor.

9. *P. GUERRA IBÁÑEZ Jesús, inspetor de MADRI, Espanha.*

Para guiar a Inspetoria de Madri, Espanha, na conclusão do sexênio do P. Pedro López García, foi nomeado o P. *Jesús GUERRA IBÁÑEZ*.

Ele nasceu em Saldaña, província de Palencia, em 27 de janeiro de 1938. Aluno do

colégio salesiano de Baracaldo, Bilbao, passou ao noviciado de Mohernando, onde — ao final do ano de prova — emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1956. Concluídos os estudos filosóficos e feito o tirocínio prático, frequentou o curso de Teologia no estudantado de Salamanca. Foi ordenado presbítero em Bilbao-Baracaldo em 18 de março de 1966. Sucessivamente em Roma, conseguirá a licença em Teologia na UPS e depois a láurea em Teologia Moral.

Na Inspeção de Madri, o P. Jesús Guerra desenvolveu, por vários anos, a delicada tarefa de professor e formador no estudantado teológico. Em 1986 começou a fazer parte do Conselho inspetorial e em 1988 foi nomeado Vigário do Inspetor, cargo que exerceu até 1994.

Era também, ao mesmo tempo, diretor da casa inspetorial. Em 1995 foi-lhe confiada a direção da casa de Atocha-Dom Bosco em Madri, até a nomeação para Inspetor.

10. P. JALA Dominic, inspetor de GUWAHATI, Índia.

P. Dominic JALA é o novo Inspetor da Inspeção de Guwahati, Índia, nomeado durante a sessão do Conselho de dezembro '95. Ele sucede ao P.

Joseph Thelekkatt, ao final do sexênio.

Originário do estado de Maghalaya, Dominic Jala nasceu em Shillong-Mawlai em 12 de julho de 1951. Atraído pela vocação salesiana, fez o pré-noviciado e depois o noviciado em Shillong nos anos 1968-69, e emitiu a primeira profissão em 24 de maio de 1969. Concluídos os estudos filosófico-pedagógicos no pós-noviciado de Sonada e feito o tirocínio prático, frequentou o curso teológico no estudantado salesiano de Bangalore. Foi ordenado presbítero em Shillong em 19 de novembro de 1977. Completou em Roma, logo depois, os seus estudos de teologia, conseguindo a láurea em Sagrada Escritura.

Retornando à Inspeção, foi professor e animador no estudantado teológico salesiano de Shillong. Em 1989 foi nomeado diretor da casa de Shillong-S. Antonio e em 1990 foi eleito Vigário do Inspetor, cargo que ocupou por um triênio. Participou do CG23 como delegado. Em 1992 assumiu o cargo de diretor da casa inspetorial e em 1993, ao final do mandato de Vigário, foi enviado como diretor à casa de Shillong-Dom Bosco, continuando a prestar o seu serviço como Conselheiro inspetorial.

11. *P. JEANMART José, inspetor de BRUXELAS, Bélgica Sul.*

Para suceder ao P. Fernand Nihoul, na conclusão de seu sexênio, foi nomeado o P. *José JEANMART*, que era Vigário inspetorial.

Nascido em St. Servais (Namur, Bélgica) em 3 de outubro de 1936, conheceu os salesianos na escola de Woluwe-St. Pierre, de onde passou ao noviciado de Grand-Halleux, onde emitiu a primeira profissão em 26 de agosto de 1956. Concluídos em seguida os estudos filosóficos e superada a prova do tirocínio prático, foi enviado à França, ao estudantado salesiano internacional de Lyon, para o estudo de teologia. Ao final do curso teológico, foi ordenado presbítero em Liège em 1º de maio de 1965.

Após a ordenação sacerdotal a missão do P. José Jeanmart foi constantemente o serviço das comunidades e das escolas da Inspetoria. Por um longo período (de 1972 a 1975 e depois de 1984 a 1994) foi Conselheiro inspetorial. Em 1994 foi chamado a ocupar o cargo de Vigário do Inspetor. Agora o Reitor-Mor com o seu Conselho confia-lhe o governo e a animação da Inspetoria.

Tomou parte do CG24 como delegado.

12. *P. MASIERO Bruno, inspetor da VENEZUELA.*

O novo Inspetor da Inspetoria da Venezuela é o P. *Bruno MASIERO*, que sucede ao P. José Angel Divasson, nomeado Vigário Apostólico de Puerto Ayachucho (cf. n. 5.5).

Bruno Masiero é de origem italiana, tendo nascido em Mirano, província de Veneza, em 28 de janeiro de 1940. Do aspirantado de Penango, no Piemonte, onde fez os estudos ginasiais, partiu para o noviciado na Venezuela, que fez em Los Teques, concluindo-o com a primeira profissão salesiana em 31 de agosto de 1960.

Feitos os estudos filosóficos e o tirocínio prático, voltou à Itália para o curso teológico, que freqüentou no estudantado teológico de Messina. Foi ordenado presbítero na terra natal em 3 de abril de 1971. Em seguida concluirá os estudos em Bogotá, Colômbia, obtendo a licença em Teologia Pastoral.

Os Superiores chamam-no logo a tarefas importantes. De 1977 a 1983 é diretor de San Félix; depois, por dois anos (1984-1985), do aspirantado

“Santa Maria” de Los Teques. Em 1985 é nomeado mestre dos noviços e diretor no noviciado de San Antonio de los Altos, cargo que ocupou até 1991. Desde 1988 é também Conselheiro inspetorial. Em 1991, concluído o sexênio como Mestre dos noviços, é nomeado diretor do pós-noviciado de Los Teques. Aqui o encontra a nomeação para Inspetor.

13. P. MURRU Mario, inspetor do ORIENTE MÉDIO.

Foi nomeado para guiar a Inspetoria do Oriente Médio, o P. Mario Murru. Ele sucede ao P. Alfredo Picchioni, que dirigiu a Inspetoria por doze anos.

Mario Murru nasceu em Nuoro, Sardenha (Itália) em 16 de fevereiro de 1943. Atraído desde menino pela vocação salesiana, foi enviado ao aspirantado de Mirabello, Piemonte, do qual numerosos jovens foram para a Inspetoria do Oriente Médio. Com efeito, após o noviciado feito em “Villa Moglia” di Chieri e depois da primeira profissão (16 de agosto de 1961), o jovem clérigo Mario Murru partiu para a Terra Santa. Feito o tirocínio, em parte no Líbano e em parte no Irã, frequentou os estudos de teologia em Jerusalém, onde foi ordena-

do sacerdote em 25 de junho de 1972.

Nos anos que seguiram à ordenação presbiteral P. Murru desenvolveu o ministério educativo e pastoral em grande parte no Irã, colégio “Anisheh Don Bosco”, do qual foi nomeado diretor em 1979. Quando deixou o Irã pelo fechamento do colégio salesiano, os Superiores confiaram-lhe a direção da casa de Alexandria do Egito (1982-1988). Em 1990 foi nomeado diretor da comunidade de Nazaré e no ano seguinte entrou como Conselheiro no Conselho inspetorial. Agora foi eleito Inspetor dessa Inspetoria, constituída de várias nações.

14. P. PALMANS Piet, inspetor de BRUXELAS, Bélgica Norte.

P. Piet PALMANS, escolhido como novo Inspetor da Inspetoria salesiana da Bélgica Norte, sucede ao P. Albert Van Hecke que — ao final do sexênio — foi eleito pelo CG24 Conselheiro regional da Europa Norte.

Nascido em Bocholt (Limburg) em 16 de dezembro de 1942, Piet Palmans frequentou a escola salesiana de Hechtel, onde amadureceu a sua vocação, passando ao noviciado de Groot-Bijgaarden; aqui, em 25 de agos-

to de 1963, fez a primeira profissão como salesiano. Depois dos estudos filosóficos e a prova prática do tirocínio, seguiu o curso de teologia na comunidade formadora de Oud-Heverlee, coroado com a ordenação presbiteral nessa mesma casa em 11 de setembro de 1971. Junto à Universidade de Lovaina conseguiu a licença em Ciências morais e religiosas (1973).

Empenhado como professor e educador, de 1978 a 1983 foi diretor da casa de Vremde. Desde 1981 participa do Conselho inspetorial. Em 1993, concluído o sexênio em Vremde, foi transferido como diretor da comunidade formadora de Oud-Heverlee e, em 1989, da de Halle, que dirigiu até 1991. Era Vigário inspetorial desde 1990.

15. *P. SANDRINI Marcos, inspetor de PORTO ALEGRE, Brasil.*

P. Marcos SANDRINI é o novo Inspetor de Porto Alegre, Brasil. Sucede ao P. Helvécio Baruffi, nomeado Conselheiro regional para a América Latina Cone Sul, ao final do sexênio.

Marcos Sandrini nasceu em Braço do Norte, no estado de Santa Catarina (Brasil) em 27 de fevereiro de 1946. Conheceu os Salesianos no colégio de

Ascurra, de onde passou ao noviciado de Taquari, emitindo aí — no final do ano de prova — a primeira profissão em 31 de janeiro de 1963. Fez em seguida os estudos filosófico-pedagógicos, seguidos da prova prática do tirocínio. Para o curso de teologia foi enviado ao estudantado salesiano de São Paulo. Em 10 de dezembro de 1972 foi ordenado presbítero em Tubarão, Santa Catarina, sua diocese natal. Completará depois os estudos, conseguindo os títulos civis para o ensino de História e Filosofia, como também de língua portuguesa. Em seguida, na UPS, obterá a licença em Teologia Pastoral.

Desenvolveu por vários anos na Inspetoria a missão de professor e educador. Em 1984 foi nomeado diretor do Instituto de Santa Rosa, de onde foi transferido em 1985 — como diretor — à casa inspetorial de Porto Alegre. Em seguida foi diretor de Porto Alegre-São José (1991-1993) e em Porto Alegre-São Manoel. Desde 1993 era Conselheiro inspetorial. Participou do CG23 como delegado.

16. *P. VALLAS i FERRER Domènec, inspetor de BARCELONA, Espanha.*

Para suceder ao P. Antonio Domenech, eleito Conselheiro

geral para a Pastoral Juvenil pelo CG24, foi nomeado o P. Domènec VALLAS i FERRER.

Ele nasceu em 24 de fevereiro de 1948 na cidade de Barcelona onde conheceu os Salesianos freqüentando a escola de Sarriá. Atraído pelo ideal salesiano, fez o noviciado em Arbós, onde emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1965. Completados os estudos filosófico-pedagógicos e feito o tirocínio prático, seguiu o curso teológico na Faculdade de Teologia de Barcelona, conseguindo a licença em Teologia Moral. Foi ordenado presbítero em Terrassa em 31 de janeiro de 1976. Completou também os estudos em campo civil, obtendo o título para o ensino escolar.

Os Superiores confiaram-lhe logo tarefas de responsabilidade. Em 1978, de fato, foi nomeado diretor da casa salesiana de Sant Vicenç dels Horts, cargo que ocupou até 1984. De 1985 a 1991 foi diretor em Barcelona-Ciudad Meridiana e desde 1991 era diretor do Centro de Martí Codolar (Barcelona). Desde 1982 era também Conselheiro inspetorial.

17. P. VÖSL Josef, inspetor da Inspetoria da Áustria.

P. Josef Vösl é o novo Inspetor de Viena, Áustria, que subs-

titui o P. Josef Keler, que orientou a Inspetoria por dois sexênios.

Nascido em 2 de abril de 1940 em Erla, Áustria, Josef Vösl foi aluno da escola salesiana de Unterwaltersdorf, de onde passou ao noviciado de Oberthalheim. Aqui — ao final do ano de prova — emitiu a primeira profissão em 15 de agosto de 1967. Concluídos os estudos filosófico-pedagógicos e feito o tirocínio prático, freqüentou os estudos de teologia no estudantado salesiano de Benediktbeuern, Alemanha. Além do bacharelado em Teologia, obteve o diploma em Ciências da educação. Foi ordenado presbítero em Benediktbeuern em 29 de junho de 1976.

Empenhado como educador e pastor em várias obras, em 1986 passou a fazer parte do Conselho inspetorial e em 1990 foi nomeado Vigário do Inspetor, encargo que ainda mantém. Desde 1990 era também diretor da casa de Horn, seminário inter-diocesano para vocações adultas. Participou do CG24 na qualidade de delegado.

18. P. WINKLER Josef, inspetor de CAMPO GRANDE, Brasil.

O P. Josef WINKLER sucede ao P. João Bosco Maciel no

governo da Inspeção de Campo Grande, Brasil, da qual já fora Inspetor no sexênio 1978-1984.

Nascido em 13 de junho de 1935 em Olomouc, frequentou a escola salesiana em Benediktbeuern, Alemanha, e atraído pela vocação salesiana fez o noviciado em Ensndorf, onde emitiu a primeira profissão em 15 de agosto de 1956. Muito jovem, partiu para a Inspeção do Mato Grosso, Brasil, onde fez o tirocínio prático e emitiu a profissão perpétua (1962). Frequentou em seguida o curso de teologia no estudantado salesiano de São Paulo, onde foi ordenado presbítero em 31 de julho de 1966. Obteve também a licença em Pedagogia e um diploma em Ciências contábeis.

Empenhado na educação dos jovens e na animação comunitária, em 1975 foi nomeado diretor da casa de Araçatuba e em 1977 começou a fazer parte do Conselho inspetorial. Um ano depois, em 1978, era nomeado Inspetor, encargo que conservou por um sexênio, até 1984.

Concluía a missão de Inspetor, em 1985 foi destinado pelos Superiores às missões de Angola, que a Região Atlântico tinha assumido no âmbito do Projeto África. Em Angola, por

nove anos, foi Delegado do Inspetor de São Paulo (Inspetor encarregado pela coordenação das presenças). Teve também outros encargos, como diretor (Luanda-São Paulo) ou Vigário local (Calulo). Retornando ao Brasil em 1994, fora-lhe confiada a direção da casa de Meruri.

5.5. Novos Bispos Salesianos

1. *Dom José Angel DIVASSON, Vigário Apostólico de PUERTO AYACUCHO, Venezuela.*

No dia 2 de março, durante a realização do CG24, o *Osservatore Romano* publicava a nomeação do sacerdote salesiano *José Angel Divasson*, Inspetor da Venezuela, como Vigário Apostólico de Puerto Ayacucho. Bispo Titular de Bamaccora. Sucedia ao Bispo salesiano Dom Ignacio Velasco, promovido há alguns meses à sede metropolitana de Caracas.

Nascido em Artajona, província de Pamplona (Espanha) em 21 de abril de 1939, José Angel Divasson entrou com 12 anos no colégio salesiano de Astudillo; atraído pela vocação salesiana, passou ao noviciado de Mohernando, onde emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1955.

Seguindo o chamado missionário, partiu ainda jovem para a Venezuela, para aí realizar o tirocínio prático; em Los Teques emitiu a profissão perpétua. Foi enviado a Turim-Crocetta para os estudos teológicos, onde obteve a licença em Teologia e foi ordenado presbítero em 11 de fevereiro de 1965. Em seguida obteve também a licença em Ciências da Educação.

Retornando à Venezuela, teve logo tarefas de responsabilidade. Em 1972 foi nomeado diretor da casa de Caracas-Sarría; ao mesmo tempo começou a participar do Conselho inspetorial. Diretor da casa de Valera em 1985, em 1990 foi eleito Inspetor da Província Salesiana da Venezuela. O CG24, no curso do qual recebeu a nomeação para Bispo, era o quatro Capítulo Geral de que participava (20, 21, 23, 24).

2. Dom Nicola COTUGNO, Bispo de MELO, Uruguai.

Em 14 de junho de 1996 tornava-se conhecida, com publicação no *Osservatore Romano*, a nomeação do sacerdote salesiano Nicola Cotugno para Bispo da diocese de Melo, no Uruguai.

Nicola Cotugno nasceu em Sesto San Giovanni (Milão) em

21 de setembro de 1938, na Inspetoria Lombardo-Emiliana, onde fez os primeiros estudos e sentiu o chamado à vida salesiana: fez o noviciado em Missaglia (Como), onde emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1957, à qual seguiram-se os estudos filosóficos, juntamente com os do liceu, no estudantado de Nave (Brescia).

Partiu em seguida para a Inspetoria do Uruguai, onde fez o tirocínio prático e emitiu a profissão perpétua (29-01-1962). Foi enviado ao Chile para os estudos teológicos, que fez no estudantado de Santiago. Aqui foi ordenado presbítero em 26 de julho de 1967. Em seguida obteve a láurea em Teologia dogmática junto à Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1971).

Retornando ao Uruguai, foi nomeado diretor da casa de Montevideu-Manga (1973-1976) e, em 1974, inserido, por um sexênio no Conselho inspetorial. A partir de 1976 dirigiu a comunidade formadora dos teólogos em Montevideu, enquanto prestava o serviço de professor nas disciplinas teológicas. Em seguida, foi-lhe confiada a direção da casa "Talleres Don Bosco" de Montevideu (1979-1984) e a partir de 1987 a de Montevideu-

Buceo, onde nos últimos anos tinha também a função de pároco.

3. *Dom Riccardo EZZATI,*
Bispo de VALDIVIA, Chile.

O *Osservatore Romano* de 29 de junho de 1996 publicava a notícia de que o Santo Padre havia nomeado o sacerdote salesiano *Riccardo Ezzati* como Bispo da diocese de *Valdivia*, no Chile.

Nascido em 9 de janeiro de 1942 em Campiglia dei Berici, província de Vicenza, Itália, *Riccardo Ezzati* entrou em 1954 no aspirantado salesiano de Penango, Piemonte, onde seguiu a vocação salesiana missionária, na seqüela de Dom Bosco. Mandado ao Chile logo depois dos estudos ginasiais, fez o noviciado em Quilpé, onde emitiu a primeira profissão em 31 de janeiro de 1961. Feitos, em seguida, os estudos filosóficos e o tirocínio prático, foi enviado a Roma para o estudo da teologia, na Universidade Pontificia Salesiana, onde conseguiu a licença em Teologia e foi ordenado presbítero em 30 de dezembro de 1966. Obteve, em seguida, a licença em Catequética junto ao Instituto de Catequética da Universidade de Estrasburgo, França.

Retornando ao Chile, em 1972 foi nomeado Delegado para

a Pastoral Juvenil; contemporaneamente obteve a licença em Ciências Religiosas na Universidade Católica de Valparaíso, com o título de professor para as escolas do Estado.

De 1973 a 1978 foi diretor da obra salesiana de Concepción. Em 1976 começou a fazer parte do Conselho inspetorial. Em 1978 foi nomeado diretor do estudantado filosófico-pedagógico de La Florida, em Santiago; teve também o encargo de diretor do centro de estudos catequéticos e de professor de pastoral catequética na Universidade Católica de Santiago. Nomeado diretor do estudantado teológico em La Florida em novembro de 1983, participou como delegado ao CG22 em 1984 e no mesmo ano foi nomeado Inspetor da Inspeção Salesiana do Chile. Concluído o seu mandato, em 1991, foi chamado a Roma como colaborador, muito estimado, junto à Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica.

4. *Dom Emilio ALLUÉ, Bispo*
Auxiliar de BOSTON, U.S.A.

Em 24 de julho de 1996 era publicada pelo *Osservatore Romano* a notícia da nomeação, por parte do Santo Padre, do sacer-

dote salesiano *Emilio Allué* como Bispo Auxiliar na Arquidiocese de Boston, U.S.A., dando-lhe a sede titular de Croe.

Emilio Allué nasceu em 18 de fevereiro de 1935 em Huesca, Espanha. Aluno da escola salesiana em sua cidade natal, foi admitido em 1955 ao noviciado salesiano de Arbós, onde — na conclusão do ano de prova — emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1956. Partiu no mesmo ano para os Estados Unidos, tornando-se membro da Inspetoria “São Filipe Apóstolo” com sede em San Francisco.

Fez os estudos filosóficos no “Don Bosco College” de Newton obtendo o B.A. em filosofia. Feito o tirocínio prático na casa de Peterson, foi enviado ao Pontifício Ateneu Salesiano em Roma para o curso de teologia, ao final do qual conseguiu a licença em Teologia. Em Roma foi ordenado sacerdote em 22 de dezembro de 1966. Em 1980 conseguirá também o título de Ph. D. em Teologia na “Fordham University” de Nova Iorque.

Após a ordenação sacerdotal, retornando aos Estados Unidos, teve diversos encargos pastorais. De 1972 a 1975 foi diretor da casa de Goshen. Em seguida, entre outras atividades, foi pároco na paróquia salesiana de New Brunswick, diretor para o apostolado dos hispânicos na Diocese de Metuchen (1984-1989), pároco da paróquia de “Saint Kieran” em Miami (Flórida). Desde 1995 era vice-pároco na paróquia “Mary Help of Christians” de Nova Iorque, com o encargo do apostolado hispânico.

5.6 Irmãos falecidos

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR E	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P AGNELET Antonio	Turim	26.02.96	81	ICP
P ALESSI Antonio	Turim	04.02.96	80	ICP
P ALVAREZ ECHAVARRIA Manuel	Medellin	02.08.96	69	COM
L ALZATI Francesco	Novara	03.02.96	84	ICP
P AMALFI Giuseppe	Pedara	14.09.96	77	ISI
P ARCE GUTIERREZ José	Urnieta	24.09.96	96	SBI
P ARIAS GOMEZ Ricardo	Urnieta	09.03.96	53	SBI
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P ARTALE Giovanni	Santiago de los Caballeros	23.08.96	69	ANT
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P AVENATTI Remo	Turim	28.08.96	76	ICP
P AYERRA MUNARRIZ Gregorio	Assunção	01.01.96	83	PAR
L BAIGUINI Silvano	Sucua-Morona	24.02.96	86	ECU
L BALLABIO Virginio	Arese	13.09.96	85	ILE
P BARACCA Giuseppe	Turim	03.07.96	76	ICP
P BARBARO Federico	Pordenone	29.02.96	83	GIA
P BASTARRICA Miguel Angel	Montevideu	02.02.96	68	URU
P BATTEZZATI Andrea	Santiago do Chile	20.02.96	88	CIL
P BEDETTI Antonio	Ivrea	02.07.96	71	ICP
P BEDOIN Louis	Toulon	23.08.96	70	FLY
P BEINAT Leonardo	Turim	17.08.96	93	ICP
P BENETAZZO Giuseppe	Saonara	04.04.96	64	ICP
P BENITO PEREZ Agustín	Leon	06.03.96	89	SLE
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
L BERTELLI Egidio	Verona	11.06.96	68	IVO
L BOLLATI Giulio	Boston	07.09.96	88	SUE
P BRACISZEWICZ Edward	Kopiec	29.06.96	85	PLO
L BRAGION Andrea	Calamba, Laguna	15.04.96	90	FIN
P BURLINA Giuseppe	Turim	29.02.96	77	ICP
P BUSTI Luigi	Arese	27.07.96	92	ILE
P BUTTO Angel	Rosario	16.07.96	78	ARO
P CARLESSO Guglielmo	Negrar (Verona)	01.02.96	91	IVO
L CASA Giacomo	Borgomanero	10.01.95	82	ICP
P CAZZOLA Giovanni	Varazze	22.03.96	93	ILT
P CHISTÈ Giulio	Melbourne	06.01.96	80	AUL
L CONTERNO Vittorio	Varazze	19.03.96	84	ICP
P CORNI Armando	Bolonha	31.01.96	75	ILE
E COSTA João Batista	Porto Velho	16.04.96	93	-
<i>Foi Bispo de Porto Velho por 36 anos</i>				
L COSTA PEREIRA Manuel	Estoril	05.01.96	72	POR
P CZERNIECKI Józef	Mirocin	12.08.96	86	PLS
P DE BIASE Giuseppe	Castellammare di Stabia	25.05.96	57	IME
P DELANA Giovanni	Sassari	03.06.96	66	ISA
P DEMARIA Tommaso	Turim	12.07.96	87	ICP
P DI PIETRA Vincenzo	Palermo	18.04.96	87	ISI
L DIAZ RODRIGUEZ Josué	Santafé de Bogotá	04.07.96	75	COB
P DINGERMANN Friedrich	Munique	13.08.96	83	GEM
P DOCHERTY John	Stroud	20.09.96	64	GBR
P DOTTA Luigi	Turim	05.08.96	88	ICP
P DOYLE John	Bolton	16.05.96	85	GBR
P DUARTE Dennis	Bombaim	24.09.96	78	INB
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				

72 ATOS DO CONSELHO GERAL

P FAGGION Fortunato	Turim	19.01.96	82	ICP
P FESTOC Alexis	Saint-Brieuc	12.01.96	83	FPA
L FILIPPUCCI Vincenzo	Civitanova Marche	11.05.96	92	IAD
P FLORES ARREDONDO Antonio	Guadalajara	27.02.96	92	MEG
P FRANCESIA Secondo	Turim	25.05.96	73	ICP
P FÜLES Lajos	Budapeste	17.02.96	61	UNG
P GABBIANELLI Guglielmo	Roma	23.03.96	84	IRO
L GALINDO Faustino	Santafé de Bogotá	26.03.96	80	COB
P GALLENCIA Angelo	Ivrea	04.02.96	79	ICP
L GHIBAUDO Antonio	Alessandria do Egitto	16.09.96	73	MOR
p GIMENEZ Luis	Manta	03.09.96	83	ECU
P GIUSTO Giovanni	Varazze	07.01.96	71	ILT
P GL/OGOWSKI Piotr	Kobylanka	11.08.96	92	PLN
P GONZALEZ FERNANDEZ Francisco	Guadalajara	05.03.96	60	SMA
P GRUSSU Mario	Roma	06.04.96	83	RMG
P GUERCI Francesco	Campo Grande	02.01.96	74	BCG
P GUMIERATO Luigi	Verona	22.07.96	61	IVO
P HERNANDEZ CRUZ José Dolores	México	14.06.96	44	MEM
P HERNANDEZ GARCIA Tobías	Arevalo	02.07.96	76	SMA
P HOLÍK Augustin	Zlín	18.09.96	77	CEP
L HUNTE Charles	London	13.01.96	87	GBR
P INFANTE DE COS Rafael	Alcalá de Guadaira	10.06.96	84	SSE
P INOUE SHIGERU Paolo	Osaka	22.05.96	74	GIA
P ISERBYT Gerard	Nossegem	28.01.96	86	BEN
P JOUAN Joseph	Caen	27.02.96	82	FPA
L KASCÁK Juraj	Zilina	24.04.96	73	SLK
P KIENINGER Fridolin	Santafé de Bogotá	17.01.96	85	COB
L KLEMON Ferdinand	Senica	04.06.96	81	SLK
P KOKORIC Josip	Nuremberg	21.03.96	64	CRO
D KOLESNIK Jaroslaw	Czechowice (Gliwice)	24.08.95	26	PLE
P KORMANN Joseph	Tampa	15.03.96	90	SUE
P KRUTILEK Frantisek	Novy Jicin	22.01.96	84	CEP
L LACO Ivan	Krapinske Toplice	04.08.96	57	CRO
P LANGHAMMER Rudolf	Unterwaltersdorf	11.06.96	88	AUS
P LECUONA Héctor	Montevideu	27.09.96	66	URU
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P LEFEBVRE Jean	Vieux-Condé	29.02.96	85	FPA
P LIBRALATO Severino	Negrar (Verona)	13.02.96	65	MOR
P LO PIANO Biagio	Palermo	25.07.96	87	ISI
P LOPEZ LAPENA Miguel Angel	Barcelona	15.09.96	59	SBA
L LUZ José	São Paulo	29.03.96	84	BSP
L MAINARDI Bartolomeo	Turim	11.01.96	73	ICP
S MAKOUALÁ Dieudonné	Pointe Noire	02.05.96	30	FPA
P MANESSI Angelo	Turim	15.07.96	82	ICP
P MASCHIO Aurelio	Bombaim	09.09.96	87	INB
P MENICAGLI Giuliano	Colle Val d'Elsa	22.02.96	64	ILT
P MERONI Tarcisio	Monza (MI)	13.09.96	79	ILE
P MICHEL Edmond	Grand-Halleux	31.01.96	78	BES
L MICO Vincent	Zilina	31.12.95	75	SLK
P MIDURA Anthony	Stony Point	10.03.96	90	SUE
P MILOCCO Mario	Udine	25.05.96	84	IVE
P MIOZZO Norberto	Buenos Aires	13.08.96	83	ABA
P MIZANIN Francesco	Foglizzo	10.02.96	68	ICP
L MORANDI Giovanni	Cremisan	25.01.96	85	MOR

P NICOLETTO Noè	San Vito al Tagliamento	17.04.96	82	IVE
P OREGLIA Santiago	Córdoba	16.06.96	79	ACO
P PEBQUÉ Rafael	Montevideo	04.02.96	70	URU
P PEERLINCK Jozef	Vilvoorde	06.02.96	82	BEN
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P PENNELLI Felice	Castellammare di Stabia	02.04.96	84	IME
P PERI Domenico	Livigno (SO)	30.01.96	78	IAD
L PEZZI Mario	Turim	18.07.96	87	ICP
P PIEGLOWSKI Henryk	Kraków	14.06.96	81	PLS
P PISULA Jozef	Sroda Slaska	18.01.96	76	PLO
P PÖHLMANN Enrique	San Isidro	31.01.96	92	ABA
P POMBO Raimundo	Coxipó da Ponte	29.07.96	82	BCG
P PORCU Antonio	Rocafuerte	09.04.96	76	ECU
L PORTILLO Juan Antonio	Panamá	25.11.95	93	CAM
P PRACHUM Mimpraphal Gabriel	Bancoque	08.08.96	84	THA
L PRILLWITZ Kurt	Danzig	26.06.96	61	GEK
L PUJOLAR ARNAUS Francisco	Villena	08.06.96	98	SVL
P QUARELLO Enrico	Turim	15.05.96	88	ICP
P RADDI Fortunato	Gênova	14.06.96	81	ILT
P RAMOS CHAVEZ Gabriel	Sevilha	15.08.96	69	SSE
P RAMOS SANCHEZ Eduardo	Mérida	01.01.96	85	SSE
P RODAK Mieczysław	Varsóvia	07.06.96	73	PLE
P RUBINO Biagio	Milão	15.06.96	59	ILE
L SCHIAFFINO Prospero	San José	07.08.96	85	ARO
P SCHOENEBERGER Pierre	Roanne	26.01.96	87	FLY
P SCOTTI Elio	Alassio	24.02.96	73	ICP
<i>Foi Inspetor por 4 anos</i>				
P SEBER Alcide	Madrasta	02.02.96	86	INM
P SOMMA José	Montevideo	01.07.96	68	URU
P STRALLA Luigi	Posadas	12.05.96	76	ARO
L SUTA Francis	Stony Point	11.03.96	86	SUE
P SZABADOS Frantisek	Pezinok	03.05.96	75	SLK
P TABELLINI Antonio	Nave	14.04.96	83	ILE
L TARDIO Giuseppe	Castellammare di Stabia	17.07.96	93	IME
L TATTI Pietrino	Roma	29.06.96	81	IRO
P TEDESCHI Vincenzo	Brindisi	21.03.96	76	IME
P TIN MAUNG Paul	Mandalay (Myanmar-Birmânia)	03.09.96	53	INC
P TOSCHI Alfredo	Treviso	15.09.96	88	IVE
P TREANOR Francis	Lansdowne	22.01.96	79	AFM
P TRUS Stanislaw	Szczecin	01.09.96	62	PLN
P TUTEL Brizio	Cuorné	17.02.96	79	ICP
L VARGAS GUERRERO Angel	Agua de Dios	20.07.96	68	COB
P VASCONCELOS José Luiz de	Campinas	28.08.96	87	BSP
P VECCHI Higinio	Bahía Blanca	05.01.96	69	ABB
P VERONESI Francesco	Bolonha	05.03.96	88	ILE
L VERTUPIER Michel	Marseille	23.12.95	66	FLY
P VILLALOBOS TRUJILLO Cristóbal	Córdoba	19.03.96	70	SCO
L VITHUVATICAL Peter	Mannuthy	02.04.96	69	INK
P VIVAR SANTAMARIA Luis	Huesca	12.05.96	83	SBA
L VORANO Eligio	Arese	30.03.96	85	ILE
L WIERZCHOWSKI Tadeusz	Kutno-Wozniakotw	01.08.95	69	PLE
P YU Tsi-chiu John	Macau	30.08.96	91	CIN
P ZACKO André	Montpellier	02.01.96	83	FLY
P ZANGHELLINI Ferdinando	Selva di Cadore	09.03.96	67	IVO
P ZEMLA Alojz	Pezinok	21.02.96	83	SLK

